

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e Institucional

Rose Mara Gozzi Carnelosso

**A importância da documentação e
suas contribuições no trabalho psicopedagógico**

**São Paulo
2016**

Rose Mara Gozzi Carneosso

**A importância da documentação e
suas contribuições no trabalho psicopedagógico**

Trabalho de conclusão de curso de
Psicopedagogia, do Instituto Sedes
Sapientiae, sob orientação da Prof.
Ma. Georgia Vassimon

São Paulo

2016

Agradecimentos

À professora Geórgia Vassimon, orientadora deste trabalho que, com seu jeito todo especial de ser, conseguiu me encantar e o meu maior desafio foi apostar nessa parceria. Obrigada por não desistir de mim.

À professora Izilda Rolim, supervisora psicopedagógica do curso que, com firmeza e sensibilidade, foi capaz de apostar na minha experiência profissional para conduzir o atendimento, principalmente, na relação com a família. Não poderia deixar de agradecer a leitura crítica que fez em relação à monografia, inestimável e imprescindível para o término do trabalho.

À coordenadora clínica Andréa Favalli pela atenção, compromisso, envolvimento, dedicação e amparo nos momentos mais difíceis do atendimento.

À professora Marlene Alexandroff, pelos conhecimentos em relação aos autores que discutem a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano. Também não posso deixar de registrar o encantamento, sempre contagiante, que Marlene tem pela educação.

À Sonia e Susi, colegas de sala, pela generosidade, trocas de experiências e força para eu não desanimar em meio a tanta pressão no trabalho.

À Sandra Alves, pelo apoio em todos os momentos da minha vida seja pessoal, seja profissional.

Ao educando G. e sua família, que me desafiaram a construir práticas psicopedagógicas, repensar minhas atitudes de mãe na vida pessoal.

À Madre Cristina, *in memoriam*, pelo patrimônio SEDES, deixado para a Humanidade e às pessoas que deram continuidade a esse trabalho.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1	19
1- Psicopedagogia, cultura da escrita e documentação: possíveis relações	
1.1- Psicopedagogia e suas interfaces	
1.2 - Concepção da Psicopedagogia ao longo da história	
1.3- Psicopedagogo: sua atuação e história pessoal	
1.4- Dificuldades no processo de aprendizagem	
1.5- Cultura da escrita	
1.6- Documentação psicopedagógica	
Capítulo 2	30
2- Contexto da pesquisa	
2.1- Instituto Sedes Sapientiae: Breve histórico	
2.2- Chegada do educando na Psicopedagogia	
2.3- Projeto de intervenção	
2.4- Registros das sessões relacionadas à documentação	
Capítulo 3	50
3 - Diálogos com os registros das sessões	
Os registros na relação com a família	
Os registros na relação com o educando	
Os registros na relação com a psicopedagogia	
Considerações finais	53
Referências bibliográficas	56
Anexos	59

A aprendizagem e o ensino não devem permanecer em bancos opostos e apenas observar enquanto o rio corre; em vez disso, devem embarcar juntos em uma jornada rio abaixo. Através de um intercâmbio ativo e recíproco, o ensinar pode ser a força para aprender a aprender.

GANDINI , 1999

INTRODUÇÃO

Apresentação: História pessoal

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e dela extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprio e/ou com o nosso ambiente humano e natural.

Marie-Christine Josso

Em 1987, havia terminado o colegial, não sabia como continuar meus estudos, tampouco, qual seria a minha profissão, assim como milhares de jovens que vivem esse dilema, ainda hoje, no Brasil. Minha mãe, acompanhando a indecisão, sugeriu uma profissão: o magistério. Não aceitei sua sugestão, talvez só para contrariá-la. Ela insistia com coisas do tipo: “Professora é a melhor profissão para mulher. Após o casamento poderá continuar trabalhando, é possível conciliar os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos”. E mais, acrescentou, a partir de sua experiência como aluna: “as professoras têm a possibilidade de realizar trabalhos manuais, como tricô, na própria sala de aula, quando os alunos estiverem copiando os pontos na lousa; é uma profissão ímpar”. Mas, apesar de tantas “vantagens”, eu ainda não estava convencida. Se não bastassem os dizeres de Dona Dalva, minha mãe, havia seu Nelson, meu pai, que se orgulhava por possuir um salário digno, sem ao menos ter terminado o primário, afirmava: “Para que servem os estudos? O que importa é dinheiro no bolso”. Essa frase ouvi por toda a minha infância. Diante do quadro, deixei a formação acadêmica de lado e resolvi buscar o meu primeiro emprego em “escolinhas” de Educação Infantil, muitas delas com propostas pedagógicas que revelavam certo desrespeito ao potencial humano e às possibilidades de expressão nesta faixa de idade. Elas proporcionavam rotinas rígidas, com o objetivo de preparar as crianças para o Ensino Fundamental, demonstrando desconhecimento da aprendizagem e do desenvolvimento infantil e, com foco na demanda das famílias, exigiam produção. Eu acreditava que para trabalhar com crianças pequenas não havia

necessidade de conhecimentos sobre o assunto e, talvez, àquela altura, estivesse certa.

Depois de enviar o meu currículo para todas as escolas do bairro, fui chamada para trabalhar em uma delas; fiquei responsável por uma sala com 10 crianças de cinco anos. Comentei com a dona da escola que não sabia por onde começar e ela me tranquilizou, dizendo: “Não se preocupe, aqui trabalhamos com apostilas que você só precisa aplicar e passar alguns desenhos no mimeógrafo para as crianças colorirem”. Pensei: “desenhos mimeografados, conheço bem, pois passei vários anos da minha vida escolar pintando-os”. Uma das boas lembranças que tenho do Ensino Fundamental, na época do denominado primário, eram as datas comemorativas. Nada de reflexão sobre qualquer assunto, mas, de praxe, tínhamos que colorir as famosas folhas mimeografadas. E mais, as melhores pinturas iam para o quadro de honra. E lá estavam sempre os meus trabalhos que me custavam uma grande dor nos dedos e bons calos por tantas horas presa ao papel, pintando com lápis de cor.

Já nos primeiros dias de trabalho, durante o recreio, tive a possibilidade de conversar com algumas professoras e percebi que elas detinham um conhecimento específico sobre assuntos da Educação Infantil, principalmente para colocar limite nas crianças e alfabetizá-las. A convivência com as crianças foi me encantando cada vez mais e, nesse processo, fui me dando conta de que precisava de mais formação. Resolvi, então, matricular-me no magistério, apesar de já ter terminado o colegial. Como dizia minha mãe, eu era realmente teimosa. Contudo, dessa vez, eu desejava fazer o curso. Nos primeiros dias de aula, fui tocada especialmente por disciplinas como: Filosofia, Sociologia, História da Educação, Metodologia e Didática. Comecei a me destacar no colégio como nunca havia acontecido antes. A aluna que, na primeira série, teve dificuldades com alguns conteúdos escolares, reverteu a situação. A professora Sueli¹, percebendo meu interesse pela Educação e meu empenho nas aulas, incentivava-me oferecendo livros com dedicatórias que eu achava encantadoras e ensinava-me a arte de escrever. Eu enfrentava os desafios da leitura e da escrita, encarando a sensação de "fracasso" que me acompanhava desde a 1ª série. Parecia que tinha encontrado o meu caminho e, ao mesmo tempo, a possibilidade de ressignificar momentos vividos no sistema público de ensino.

¹ Professora Sueli lecionava Língua Portuguesa no CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério)

Trabalhando em uma escola privada no bairro do Butantã, já com alguns conhecimentos sobre Educação adquiridos no curso de Magistério, resolvi questionar o projeto educacional da escola, fazendo observações e críticas. No final do ano fui despedida.

Descobri, então, que na USP, muito próximo da minha casa, havia uma creche com uma concepção inovadora para a época: conceito de creche aberta. Caracterizava pela extensa parceria com a família, demandando sua presença na unidade e na participação das discussões sobre a educação de seus filhos. Além disso, tinha um currículo aberto para as professoras construírem na relação com as crianças. A Instituição estava selecionando educadores, àquela época a nomenclatura desses profissionais era Recreacionista. Resolvi me inscrever. Em fevereiro de 1988, lá estava eu na Creche Central, com um grupo de crianças de dois anos, sem nunca ter trocado antes uma fralda de bebê, muito menos planejado atividades para crianças. Justamente eu, que era contra planejamentos preestabelecidos, pois limitavam o processo criador, tanto das professoras quanto das crianças. Eu estava com medo.

Além disso, na época, não havia ainda uma rotina de horário estabelecida na Creche capaz de proporcionar alguma segurança. As novas professoras ficavam sob o ritmo, a orientação e as modulações das educadoras mais antigas, que se revoltavam pela substituição de suas colegas demitidas, por questões políticas da última greve. A formação das educadoras da Creche Central era diferente daquela das professoras que eu havia encontrado nas escolinhas e no magistério, ali estavam estudantes de História, Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, entre outras faculdades da USP; tudo muito diferente para mim, a começar pelos vestuários e até posturas adotadas pelas educadoras.

Diante da concepção de mundo e educação que eu tinha na época, depois de dois dias, havia decidido não ir mais à Creche e procurei a professora Sueli para compartilhar essa decisão. Ela me disse: *“Dois dias é muito pouco para decidir algo, você precisa experimentar mais um pouco”*. Fiquei. Em 1988, resolvi aprofundar meus conhecimentos na área de Educação e entrei no curso de Pedagogia², pois estava muito envolvida com o trabalho com crianças pequenas e agora, com certeza, era aquilo que eu queria para minha vida profissional. Na época, fiquei um pouco

² Ingressei na Faculdade Campos Salles.

decepcionada com o curso, já que quase não tínhamos leituras e debates sobre Educação Infantil, não contemplando minha ânsia de pesquisar sobre o tema. Assim, conciliei trabalho e estudos. Nada muito fácil!

No trabalho da Creche, pensava em quais propostas desenvolver com as crianças. Tive a ideia de buscar inspiração na minha própria infância e comecei a fazer castelos de areia que soltavam fumaça de verdade pela chaminé, a representar papéis como a da bruxa da história *“Branca de Neve e os Sete Anões”* etc. Lembro-me de dois momentos da minha interpretação quando tinha cinco anos. O primeiro, da minha fala: *“Espelho, espelho meu, existe mulher mais bela do que eu?”*. Outro, após a resposta que dei com grande fúria ao espelho: *“Maldita, eu me vingarei!”*. Tive a oportunidade de conhecer Maria Christina Rizzi e Marina Célia Moraes Dias³, que me mostraram caminhos para minha formação de arte-educadora. Fui então, estudar História da Arte e encontrei os artistas e seus estilos. Passei a visitar museus e a valorizá-los. A frase: *“Isso é Arte? Até eu consigo fazer!”*, transformou-se em: *“O que o artista quer dizer?” “De que forma essa obra de arte mexeu comigo?”* Estava trabalhando há seis anos na Creche Central como educadora, quando foi aberta a seleção para o cargo de pedagoga da Creche Oeste e resolvi me inscrever. Passei.

Em novembro de 1993, com 26 anos de idade, formada em Pedagogia, porém, sem experiência na função, estava coordenando um grupo de educadoras. O desafio estava posto: construir uma proposta pedagógica com toda a equipe. Que desafio! Trabalhar com um grupo que, no momento, tinha várias questões de relacionamento com a direção da Creche, dentre elas a falta de confiança.

A busca de qualidade na Creche Oeste tornou-se uma meta na minha vida profissional, compartilhado com a nova diretora. Por onde começar esse trabalho com questões que iam desde a construção da minha identidade de coordenadora pedagógica, até problemas herdados da gestão anterior? Tive que buscar princípios de honestidade, justiça e transparência que aprendi no âmbito familiar. Esses elementos contribuíram para formar minha identidade profissional e imprimir outra forma de relacionamento junto aos profissionais da instituição. Essa nova forma extrapolou o vínculo coordenação-professor e adentrou o convívio e a rotina das equipes de apoio.

³ Arte - educadoras do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

No ano de 2004, fui convidada para dirigir a Creche Oeste e um novo desafio se colocava: lidar com a gestão de pessoas na rede pública. Ocupar esse cargo fez-me construir metodologias para trabalhar com a equipe de apoio e famílias. A avaliação institucional foi um marco da gestão, principalmente, quando abrimos debate com todos os segmentos (funcionários, famílias, crianças e comunidade externa) para identificar problemas e buscar soluções conjuntamente.

Em 2012, após 24 anos de exercício profissional na área e motivada a expandir meu universo profissional, resolvi buscar outros caminhos, porém que pudesse desfrutar das construções realizadas ao longo da minha carreira na Educação. Fui em busca das possibilidades e com a área que me despertasse interesse e motivação para ir além. Pensei em fazer Psicopedagogia, Justamente eu que, ao longo do meu percurso profissional, havia desenvolvido preconceitos em relação ao campo da Psicopedagogia, postura clara de quem não compreendia essa área do conhecimento. Quando as escolas encaminhavam alunos, filhos, sobrinhos e conhecidos ao psicopedagogo, eu não retrucava, mas fazia caras e caretas. Pensava: “Por que encaminhar para tal especialista que não é nem isto e nem aquilo, ou seja, nem pedagogo e nem psicólogo?”

No ano de 2013, resolvi cursar a especialização em Psicopedagogia. Realizei algumas pesquisas nas instituições que ofereciam o curso e descobri que bem perto, ao lado da minha casa, havia uma Universidade, inclusive, poderia ir caminhando, mas, conhecidos recomendaram o curso do *Sedes* como de excelência! Dessa forma, decidi por essa instituição para minha especialização⁴. E lá fui para o primeiro dia de aula em busca de respostas, caminhos e aprendizados: encontrei respostas na primeira aula.

Para mudar o discurso negativo sobre a área da Psicopedagogia foi necessário aprofundamento e as disciplinas do curso contribuíram significativamente, principalmente Fundamentos Psicopedagógicos, a começar pela História da Psicopedagogia, passando por conceitos e finalmente pelo papel do psicopedagogo.

Nesse meio tempo, recebi um novo convite profissional: dirigir as cinco Creches pertencentes à Rede de Creches da SAS/ USP, três na capital de São Paulo e duas no interior. Resisti ao convite durante seis meses porque estava me dedicando ao

⁴ Instituto Sedes Sapientiae – Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e Institucional.

curso de Psicopedagogia e à prática clínica realizado na clínica do Instituto, mas, no dia 25 de novembro de 2013, diante da pressão institucional, assumi o cargo.

Ao assumir a diretoria geral teria muitos problemas com horários e as tensões da função, essas questões estavam entre minhas maiores preocupações, não conciliar as aulas e a prática clínica no qual acabara de construir um vínculo com o paciente. Pensei em desistir do curso, mas minhas colegas de sala, supervisora de estágio e coordenadora do grupo clínico ajudaram-me a manter o propósito.

Tinha a expectativa de atender crianças pequenas nessa experiência de prática clínica, era minha área de conforto, um campo que dominava. E, quando soube que seria um adolescente, fiquei decepcionada. Foi em uma das aulas que ouvi a minha professora dizer: "Se o caso vem até nós, temos que nos abrir para conhecê-lo". Essa fala contribuiu para que eu me abrisse e recebesse o paciente.

Antes de conhecer o educando, tive a oportunidade de conversar com a terapeuta que o atendia na Clínica do Instituto. Uma profissional comprometida com o caso. Foi acolhedora comigo, mostrou todos os procedimentos para iniciar o atendimento e colocou-se à disposição para qualquer dúvida que tivesse. Essa foi a minha primeira aula de ética profissional na prática, a terapeuta demonstrou princípios de solidariedade, respeito e diálogo na relação comigo e com o educando.

A história escolar do garoto que atendi é muito parecida com a minha. Assim como ele, estudei em escola pública e tive dificuldades em algumas áreas do conhecimento. Esse caso me encantou e ao mesmo tempo me exigiu um distanciamento. Nesse contato, durante as sessões, vários sentimentos se manifestaram: medo, frustração, alegria, cumplicidade, raiva, dentre outros. Tive que trabalhá-los em minha terapia. No que se refere à frustração, ficava arrasada quando propunha ou orientava algo que G⁵ não fazia. Lembro-me que combinamos a continuação da leitura de um livro durante as férias. Quando retornou, não havia lido. Aprendi na relação com aquele educando que tarefas para casa não dão resultado, principalmente quando há a necessidade de registro e por ser um trabalho terapêutico e não escolar.

Em dois momentos na sessão de atendimento ao adolescente, pude perceber a dimensão do significado do *SEDES* para além de seus muros. O primeiro momento foi quando ele identificou nas fichas que era criativo e perguntei: "Como você sabe?".

⁵ Para preservar a privacidade e por razões éticas e legais, o educando será identificado por G.

Respondeu-me: "O *SEDES* me disse.". Indaguei-o novamente: "Como assim?". Disse: "Foi a minha terapeuta que me disse". O segundo momento, quando levou o livro *O Diário de um Banana* para sua casa, a fim de ler nas férias, e sua prima de nove anos se encantou com a história e pediu emprestado. Ao pegar o livro, a garota se esforçou muito para ler e sua mãe percebeu que ela tinha dificuldades visuais, resolveu levá-la ao oftalmologista. Esses episódios me fazem pensar que o *SEDES* ultrapassa as quatro paredes do atendimento e se estende para outros ambientes familiares do educando, contribuindo para uma sociedade democrática na qual todos têm direitos, independente da classe social, gênero, religião, time de futebol etc.

Assim, a possibilidade de realizar a prática psicopedagógica permitiu-me refletir sobre várias temáticas que foram sendo construídas nas sessões. Duas temáticas me levaram ao aprofundamento de acompanhamento da avaliação e, em consequência, discutir a importância do material produzido durante os atendimentos psicopedagógicos: qual sua função?

Dessa forma, busquei compreender a importância e as contribuições da documentação psicopedagógica na relação com a família, educando e psicopedagogo e aprofundar a discussão no Trabalho de Conclusão de Curso. Lembrando que a Psicopedagogia é um campo que nasce para compreender o processo de aprendizagem, principalmente para evitar o fracasso escolar. Atualmente, a Psicopedagogia tem caráter interdisciplinar, busca compreender o educando integralmente. Esse campo se preocupa com a aprendizagem humana: Como se aprende? Como se evolui?

Na relação com o educando é fundamental conhecê-lo e não abordar somente o contexto no qual está inserido. Assim, a Psicopedagogia tem a missão de não olhar somente para a dificuldade, mas para as potencialidades do sujeito.

Nessa perspectiva, o psicopedagogo busca dialogar com várias áreas do conhecimento na relação com o educando. Vale dizer que o psicopedagogo escolhe os suportes teóricos para trabalhar com processos de aprendizagem, pois tem muitos caminhos e possibilidades de lidar com a dificuldade. Sendo assim, antes de escolher um caminho, é necessário realizar uma avaliação junto ao educando e realizar entrevistas com a família e a escola.

Diferentemente da escola, que tem um compromisso curricular que deve ser cumprido, muitas vezes, o atendimento psicopedagógico clínico tem autonomia para decidir modalidades organizativas (projeto, sequência de atividade e atividade

permanente) e os seus conteúdos. Além disso, respeita o ritmo de aprendizagem do educando sem se preocupar com a quantidade de conteúdo ensinado e sim a compreensão do mesmo.

Por outro lado, os atendimentos clínicos individualizados se tornam desvantajosos em relação à escola, pois não há pares experientes da mesma idade para trabalhos e discussões em grupos, o que contribui muito para a aprendizagem do educando.

Assim, o maior desafio que o psicopedagogo enfrenta é não transformar os atendimentos psicopedagógicos em aulas particulares, mas construir caminhos e possibilidades de desenvolver um trabalho integral que invista no educando como um todo e não somente nos problemas de aprendizagem. Há uma forma de compreender a Psicopedagogia que deve ser aprofundada, transcendendo os aspectos pontuais da aprendizagem do sujeito.

Dessa forma emerge uma das questões que me fez escolher a **temática** a ser pesquisada: Como a documentação pode contribuir para o atendimento psicopedagógico tornando-se um material de comunicação e reflexão para a tríade implicada: educando, família e psicopedagogo?

Refletir sobre a importância das documentações no atendimento psicopedagógico se torna, assim, o **objetivo** macro do aprofundamento das discussões e análises na qual, a prática e os referenciais teóricos, vão desnudando as relações presentes e prementes do educando e as instâncias que o assistem no seu processo de aprendizagem - escola, família e sociedade. Para dialogar com a prática buscamos o atendimento clínico de um educando, que cursa o 6º ano em escola pública. Esse atendimento foi realizado na Clínica do Instituto *SEDES*.

Assim, é preciso delimitar os **objetivos específicos** a serem observados e que exigem a significação, e ressignificação, da documentação psicopedagógica durante e ao final do processo.

- Identificar e analisar a apropriação das propostas pelo educando;
- Refletir sobre os registros e documentação psicopedagógica, fortalecendo a comunicação entre psicopedagoga, educando e família,
- Fornecer elementos que possam servir de inspiração a outros psicopedagogos.

A metodologia utilizada nessa monografia foi inspirada na pesquisa qualitativa de Fernando Gonzalez Rey⁶, que desenvolve um trabalho voltado à interdisciplinariedade no âmbito da psicologia, saúde e ciências sociais, buscando a construção de novas estratégias de estudo e pesquisa em um trabalho conjunto sobre o tema da subjetividade e da epistemologia qualitativa no contexto da psicologia e educação.

Realizar uma pesquisa acadêmica tendo como campo de estudo o atendimento psicopedagógico em uma clínica requer alguns esforços. Como sinaliza Azanha:

(...) no fundo, o que queremos frisar é que o estudo do cotidiano só será interessante se for possível partir dele para um esforço de construção de uma ciência do homem. Sem essa possibilidade, o estudo do cotidiano não superará o nível do registro de trivialidade. (1992, p.72).

Tendo como principal objetivo analisar a importância da documentação nos atendimentos psicopedagógicos e suas contribuições, buscamos a prática clínica realizada no *SEDES* para coletar os dados necessários para a pesquisa. Assim, para não correr o risco dos registros “triviais”, escolhemos percursos reflexivos de alguns atendimentos, focando a importância da documentação.

Para iniciar a primeira parte da coleta de dados foi necessário contextualizar o espaço do *SEDES*. Para tal, buscamos informações no site da Instituição. Em seguida, recuperamos os registros das sessões, focando a construção da documentação e o seu significado no trabalho.

Em um terceiro momento, no intuito de identificar a importância da documentação psicopedagógica buscamos os três segmentos para discussão: educando, família e psicopedagoga, pois fazem parte do processo dinâmico do atendimento. Para tal, apresentamos alguns pressupostos básicos a fim de dialogar com diários das sessões que aparecem na documentação psicopedagógica, são eles: fortalecer a comunicação, refletir sobre o percurso do educando e registrar a memória.

Ainda em tempo, nesse Trabalho de Conclusão de Curso, a Monografia, optamos por não nomear a “pessoa” que é o centro da reflexão de paciente, cliente e

⁶ Professor cubano titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e do Uniceub, em Brasília. Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia Geral e Pedagógica de Moscou, Doutor em Ciência (pós doutorado) pelo Instituto de Psicologia da Academia de Ciências da União Soviética

nem aluno. Paciente porque dá uma ideia de doente; cliente por trazer a imagem do consumo de um produto ou serviço mediante pagamento; aluno pela origem da palavra que vem do latim, cuja tradução “sem luz” e contradiz o que a própria Psicopedagogia propõe: apostar nas potencialidades. Nas reflexões, Paulo Freire, educador brasileiro, afirma que as pessoas trazem bagagem ao entrar na escola, portanto, deve-se evitar o uso do termo “aluno”. Diante do exposto, decidimos nomear a pessoa da pesquisa de educando, ou seja, aquele que se encontra em processo de aprendizagem.

Estrutura do trabalho

Este trabalho está organizado em três capítulos, além das considerações finais, da bibliografia e um conjunto de anexos com materiais trabalhados durante as sessões de atendimento:

Capítulo I – Quadro teórico fundamentando a Psicopedagogia e a cultura da escrita, de forma a conceituar a documentação psicopedagógica;

Capítulo II – Contexto e descrição de sessões referentes à área de Língua Portuguesa e documentação;

Capítulo III – Diálogo com os registros das sessões referentes à documentação;

CAPÍTULO 1

1- PSICOPEDAGOGIA, CULTURA DA ESCRITA E DOCUMENTAÇÃO: POSSÍVEIS RELAÇÕES

A educação do futuro exige um esforço transdisciplinar que seja capaz de rejuntar ciências e humanidades e romper com a oposição entre natureza e cultura.

(Edgar Morin)

1. 1- Psicopedagogia e suas interfaces

Para iniciar as reflexões sobre a Psicopedagogia cabe uma pergunta que circula em várias esferas da sociedade: a Psicopedagogia é a junção da área de Psicologia e Pedagogia? Não a Psicopedagogia não é uma aplicação da Psicologia à Pedagogia. A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que se ocupa da aprendizagem humana e não uma relação simplista de se aplicar a Psicologia à Pedagogia

Uma breve retrospectiva se faz necessária para compreender os caminhos construídos no campo da Psicopedagogia. Segundo Griz (2009), no século XIX havia uma preocupação com as crianças portadoras de distúrbios sensoriais, déficit mental, problemas testáveis que prejudicavam o processo de aprendizagem.

Em 1898, surgem as classes especiais, nas escolas públicas, dedicadas à educação dos portadores de deficiências, marcando, assim, o início do encontro entre médicos, pedagogos e profissionais para encaminhar o trabalho realizado com esses indivíduos.

No ano de 1948, o termo “curativo” passa a ser definido como terapêutico. Passa a referir-se às crianças e adolescentes com bom nível intelectual, porém com resultados insatisfatórios na escola. Assim, surge o enfoque dirigido à problemática da aprendizagem definindo o eixo de atuação do psicopedagogo. Portanto:

- Século XVIII e XIX - Enfoque orgânico (modelo médico e biológico)
- Início do século XX - Surgem as correntes psicanalíticas (meio ambiente e emocional)

- Anos 60 - Volta à visão orgânica com enfoque na Neuropsicopedagogia. Ênfase dos DCMs - Disfunção Cerebral Mínima: as disortografias e as dislexias etc.
- Anos 70 – Psicologizante, enfoque nas questões psicológicas. Não tem uma visão do contexto social.
- Anos 80 - inicia-se a fase sociologizante, enfoque nos pressupostos da Sociologia.

Todas as visões demonstram certo radicalismo, porém, esse percurso histórico levantado por Griz (2009) ajuda a pensar que o problema de aprendizagem não tem um único caminho. Assim, não basta saber o eixo da patologia na aprendizagem, é preciso conhecer o sujeito que está aprendendo.

1.2- Concepções da psicopedagogia ao longo da história

Segundo Blatyta e Rubinstein (2005), na origem, a Psicopedagogia, então denominada *Reeducação Psicopedagógica*, surgiu a partir de uma visão pluridisciplinar. Tinha como objetivo atender crianças que, por diferentes razões, não conseguiam acompanhar a escolaridade. Quem realizava as intervenções eram especialistas como: pedagogos, fonoaudiólogos, psicanalistas, sociólogos etc., que buscavam, de maneira fragmentada, por meio de suas práticas e de seus referenciais teóricos, contribuir para um aprendizado mais eficaz, no entanto, trabalhavam de forma isolada. Nessa etapa de reeducação psicopedagógica buscava-se classificar os problemas sem relacioná-los com o entorno.

Ainda, segundo as autoras, na Psicopedagogia interdisciplinar há uma busca de contribuições e métodos nas diferentes disciplinas de aprendizagem. Vale dizer que, apesar da percepção enriquecida pela interdisciplinaridade, esta ainda era insuficiente para a compreensão do sujeito da aprendizagem em seus aspectos singulares quando em processo de inserção na cultura.

1.3- Psicopedagogo: sua atuação e história pessoal

Segundo Rubinstein (1999), "A tarefa do psicopedagogo é comparável a de um joalheiro que trabalha com filigranas, não com produção em série". Nessa perspectiva,

construir um trabalho personalizado se faz necessário na relação entre psicopedagogo e educando.

O psicopedagogo poderá atuar em dois espaços: clínicas e instituições. No que se refere ao psicopedagogo clínico, sua ação é direta com o educando, embora tenha, também, atuação junto à escola e à família. Já o psicopedagogo institucional tem um campo de atuação em todos os segmentos da instituição, no caso da escola, junto aos educandos, famílias, professores e demais profissionais.

Ainda de acordo com Blatyta e Rubinstein (2005), é fundamental que educadores e psicopedagogos possam tomar consciência de seus próprios processos de aprendizagem na relação com o conhecimento e o saber. Assim, é importante, primeiramente, autoconhecimento para poder mediar, com mais qualidade, o sujeito e seu processo de aprendizagem. Para refletirmos sobre aprendizagem é necessário diferenciar conhecimento e saber, "O conhecimento é entendido como regra de representação que deve transformar-se em saber, ou seja, regra de ação, pela qual o sujeito transforma o conhecimento de um modo singular, dando ao mesmo uma conotação própria." (Blatyta e Rubinstein, 2005). Assim, busca-se desencadear três processos na formação dos educadores e psicopedagogos, são eles:

1. Reflexão sobre os próprios processos de aprendizagem;
2. Provocação a indagações que levem a uma maior conscientização sobre suas próprias crenças implícitas a respeito da linguagem e do ensino aprendizagem;
3. Articulação entre estas crenças implícitas com construções teóricas correntes, produzindo efeitos importantes para a Psicopedagogia Institucional, da qual a formação constituída de professores é um segmento importante.

Nessa perceptiva, a tomada de consciência, por parte dos educadores e psicopedagogos, de suas características, possibilidades e limites contribui para que esses profissionais não reproduzam, principalmente na relação com o educando, situações negativas. Para tal, o processo de autoconhecimento se faz necessário, identificando suas qualidades e transmitindo segurança e confiança em si mesmo ao educando. Em meio a isso, é imprescindível que esses profissionais percebam seus limites e dificuldades, buscando caminho para superá-los.

Em uma das aulas do curso de Psicopedagogia do *SEDES*, a professora Georgia Vassimon trouxe a seguinte reflexão: "a história pessoal do profissional não pode estar nem à frente e nem ao lado na relação com o educando. O ideal é que a história pessoal do profissional esteja atrás do educando". Assim, o psicopedagogo estará mais livre para a escuta, sem se envolver emocionalmente com educando, porém, garantindo a afetividade na relação.

Por isso, a importância do psicopedagogo ser assistido em espaços terapêuticos ou propostas alternativas para não se misturar emocionalmente com o educando nesse processo dinâmico dos atendimentos.

1.4- Dificuldades no processo de aprendizagem

Segundo Rubinstein (1999), "a meta do psicopedagogo é ajudar aquele que, por diferentes razões, não consegue aprender formal ou informalmente para que consiga, apesar de não interessar-se por aprender, adquirir ou desenvolver habilidades necessárias para tanto."

Nesse aspecto, há muitas formas de se trabalhar com as dificuldades no processo de aprendizagem. Todos os sujeitos têm potencialidades, por isso, o psicopedagogo não pode centrar seus esforços na dificuldade de aprendizagem. Se o psicopedagogo focar no que falta ao educando poderá paralisar o trabalho, e não fazê-lo avançar. Dessa forma, é importante conhecer as modalidades de aprendizagem dos sujeitos. Segundo Fernandez, a modalidade de aprendizagem significa:

(...) um molde relacional que cada sujeito utiliza para aprender, estou referindo-me a uma organização do conjunto de aspectos (conscientes, inconscientes e pré conscientes) da ordem da significação, da lógica, do simbólico, da corporeidade e da estética. (2001)

Assim, o psicopedagogo, por meio de situações concretas, proporciona experiências que servem para o sujeito se perceber na sua modalidade de aprendizagem.

1.5- Cultura da escrita

Para refletir sobre a cultura da escrita, gostaria de começar com uma frase do psicanalista Bruno Bettelheim, 1986, p.11: “Se esperamos viver não só cada momento, mas ter uma verdadeira consciência de nossa existência, nossa maior necessidade e mais difícil realização será encontrar significado em nossas vidas.”

Nessa perspectiva, um dos maiores desafios para quem educa crianças seja na relação parental, seja na relação profissional, é ajudá-las a buscar significado na vida. De acordo com Bettelheim (1986) são necessárias muitas experiências para dar sentido à vida. Sendo assim, é fundamental que o sujeito se entenda para compreender o outro e se relacionar de forma satisfatória e com sentido.

Ainda, segundo o autor, tanto os pais quanto quem cuida das crianças, têm a tarefa de contribuir para busca do significado na e para a vida, somando-se a herança cultural transmitida corretamente. Um dos caminhos é a transmissão dos contos de fadas que lidam com problemas humanos universais e, na maioria das vezes, esse gênero ajuda as crianças a lidar com várias questões da essência humana.

Uma alegoria a isso encontrei no livro "*A menina que roubava livros*", de Markus Zusak, que retrata a trajetória de uma garota alemã, Liesel Meminger, presenciando a violência humana durante a II Guerra Mundial e, entre a infância perdida e o mundo cruel dos adultos, Liesel aprende a ler com seu pai adotivo. Ela descobre na literatura conforto em meio à violência. Em tempos de livros incendiados em praça pública, rouba esses dispositivos de informação na biblioteca da casa do prefeito da cidade.

Há ao menos duas cenas em que Liesel demonstra o poder da literatura. A primeira, ao cuidar de um judeu foragido, entre a vida e a morte, no porão de sua casa. A menina lia todos os dias para o judeu que estava acamado e, quando este se recuperou, foi capaz de lembrar-se das histórias que o mantiveram vivo durante meses. A segunda, inspirada no pai adotivo que tocava o seu acordeão para passar o tempo no porão antiaéreo, onde todos esperavam cessar os bombardeios e alimentar a alma das pessoas em meio a tantas incertezas e angústias, Liesel começou a contar as histórias para crianças e adultos aprisionados.

Assim, como a menina Liesel se encantou pela literatura, um dos desafios que aparece nos consultórios de Psicopedagogia é ajudar crianças e, principalmente, adolescentes a desenvolver o interesse pela cultura da escrita.

Apesar dos vários dispositivos legais, dentre eles destacamos o Referencial Curricular para Educação Infantil (1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), que mostram caminhos e possibilidades para criar ambientes letrados

carregados de significado às crianças e adolescentes. As escolas brasileiras, ainda têm dificuldades de desenvolver trabalhos de qualidade em relação à cultura da escrita. Mesmo com os dispositivos legais e políticas de formação continuada, os resultados observados continuam insatisfatórios.

Nessa perspectiva, o nosso maior desafio enquanto educadores e psicopedagogos, é ajudar crianças e adolescentes a buscarem significado na cultura da escrita, seja qual for sua classe social.

Sabemos que não basta estar inserido em ambientes carregados de escrita com outdoors, placas, avisos etc., para aprender a escrever e a ler. É necessário compreender a função da leitura e da escrita e o seu funcionamento. Se fosse verdade que o ambiente por si só é capaz de transmitir a cultura da escrita e da leitura, as crianças de rua que ficam no centro da cidade de São Paulo não teriam dificuldades em se alfabetizar e continuar a jornada de leitores e escritores. A leitura e escrita não são processos inatos, mas competências que precisam ser desenvolvidas.

Antigamente, acreditava-se que para ler era necessário compreender o sistema de escrita e depois iniciar a interpretação de textos. (WEISZ, 2011). Essa concepção imperou em nossas escolas, proporcionando uma escrita sem vida, desconectada da realidade das crianças e do mundo infantil. Infelizmente, ainda encontramos práticas de leitura que desrespeitam o potencial humano das crianças. Atualmente, sabe-se que a capacidade de leitura não depende do conhecimento do valor sonoro de cada letra ou de saber juntar uma letra à outra. O fundamental, nesse processo, é conhecer as características da linguagem escrita, conforme o gênero literário.

Pesquisas foram relevantes ao questionar essa forma de inserir a cultura escrita na escola, dentre elas a da psicolinguista argentina, Emília Ferreiro, e da educadora argentina, Ana Teberosky, que demonstraram os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e a escrever. Segundo Weisz, 2001:

As crianças não aprendem simplesmente porque veem os outros ler e escrever e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque veem letras escritas e sim porque se propõem a compreender porque estas marcas gráficas são diferentes de outras. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel à disposição, e sim porque buscam compreender o que se pode obter com esses instrumentos. Em resumo: não aprendem simplesmente porque veem e escutam, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe oferece.

Nessa perspectiva, é fundamental que tanto professores, quanto psicopedagogos compreendam como as crianças aprendem a ler e escrever construindo propostas e intervenções que possibilitem ao educando pensar no sistema alfabético de forma contextualizada e com sentido.

Cabe aqui definir o que é alfabetização e letramento. De acordo com as Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização, vol. I e II, MG, 2004:

(...) entende-se alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabéticos e ortográficos que possibilitam aos alunos ler e escrever com autonomia." Em relação ao letramento "(...) entende-se como o processo de inserção e participação na cultura da escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade.

Segundo SOARES (2002, p 47), os processos se correlacionam: "Ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado." Nessa perspectiva, entende-se que alfabetização e letramento são processos diferentes, porém, complementares e inseparáveis. Assim, não se trata de escolher um ou outro, e sim de alfabetizar letrando.

Nas palavras de Paulo Freire: "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela" (FREIRE, 1982). Ao recebermos crianças e adolescentes advindos de um universo culturalmente restrito, seja qual for a classe social, no qual a cultura de massa é preponderante e generalizada, a exemplo das músicas e das programações dos canais abertos de TV, observamos que esse repertório restrito se manifesta em suas escolhas literárias e em seus registros escritos.

Assim, um dos desafios para o psicopedagogo é respeitar a cultura trazida pelo educando sem julgamento moral, mas possibilitar a ampliação de seu repertório de mundo, dando-lhe o direito de conhecer outras expressões culturais, estimulando-o a desenvolver senso crítico e, assim, assumir suas escolhas. Um dos caminhos é a cultura da escrita.

O que queremos promover na relação com as crianças e adolescentes? Hábitos de leitura ou o ato de ler? Na tentativa de nos ajudar a responder, vamos buscar a diferenciação entre as duas situações.

(...) a decifração mecânica de sinais é atividade totalmente diversa da ação voluntária sobre a linguagem implicada no ato de ler. Hábitos estão ancorados na repetição mecânica de gestos; atos, na opção, no exercício da possibilidade humana de articular o agir ao pensar, ao definir, ao escolher. (PERROTTI, 1999, p. 33).

Se defendermos o diálogo com os textos lidos, em que a criação e recriação dos escritos se dá de forma crítica e participativa, o processo de inserção na cultura escrita deve ocorrer desde muito cedo na vida da criança, de forma a não torná-la um mero receptor.

Ler é uma forma de relação com o mundo, consigo mesmo e com outros modos da cultura escrita, um processo que atribui sentido à vida, um ato de desconfinamento. Não se lê, portanto, apenas dentro da escola.

Nesse sentido, intervir nas práticas pedagógicas confinadoras é necessário, pois a contemporaneidade exige interação entre as instituições de Educação e demais instituições públicas disponíveis na cidade, de forma a promover novas relações com o conhecimento, a leitura, a informação e a cultura. Assim, os consultórios de Psicopedagogia devem promover situações nas quais os educandos possam compreender a importância cultural da escrita e não apreender somente o sistema alfabético ou mesmo correção textual e ortográfica.

Conhecer os gêneros textuais e literários se faz necessário no processo de construção dos leitores. De acordo com a Orientação para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização: gêneros de textos são as diferentes "espécies" de texto, escritos ou falados, que circulam na sociedade e que são reconhecidos socialmente.

1.6- Documentação psicopedagógica

Documentação é mais uma possibilidade de tornar visível um determinado trabalho em várias esferas educacionais, culturais e até mesmo profissionais. No que se refere às instituições educacionais são muitas as alternativas de documentar para marcar concretamente o processo de desenvolvimento e aprendizagem do educando. Essas marcas podem estar em diversos ambientes: saguão, corredores, salas de aula, relatórios, portfólios, exposições, site da escola etc., sendo que cada uma dessas possibilidades tem um tempo determinado.

Para prosseguirmos a discussão, nesse momento cabe uma diferenciação entre registro e documentação. Segundo Vieira (2013,p. 79):

Os registros coletados no cotidiano de uma instituição de educação infantil fazem-se presentes nos blocos de notas dos professores, nos diários, nos planejamentos, nas falas das crianças presentes nos painéis. Tomam-se assim, a memória viva dos fatos ocorridos na prática do ensino e aprendizagem. A documentação é o processo que envolve a composição de uma narrativa a partir desses diversos realizados, permitindo rever, organização e interpretar o processo.

No que se refere ao atendimento psicopedagógico também há registros e documentações. Nas sessões, os registros são realizados pelo psicopedagogo e educando, são eles: fotografias, desenhos, pinturas, falas, textos etc. As documentações normalmente são organizadas pelo psicopedagogo ao produzir relatórios, planejar e replanejar as propostas.

Reforçando a importância da documentação Solà, (2006, p 41) coloca:

“Falar de documentação é falar também de visibilidade. A documentação torna visíveis as pessoas, a escola, as equipes, seus participantes e autores, assim como a quantidade de seus processos. Tornam visíveis os rastros de cada pessoa.”

Para refletir sobre as perguntas em relação à documentação nas sessões psicopedagógicas, veio à mente imagens dos portfólios dos artistas. Esses dispositivos têm como objetivo comunicar os seus trabalhos. Mas o que é *portfólio*? As definições nos diferentes dicionários definem *portfólio* como instrumento para acondicionar documentos com a intenção de agrupá-los e depois expô-los. A definição no Michaelis⁷ traduz bem essa intenção:

Tipo de papel consistente, normalmente dobrado, utilizado para armazenar papéis ou quaisquer materiais em seu interior. Destinado para guardar um conjunto específico de papéis ou montar coleção de alguma coisa. Publicidade. Agrupamento de várias obras artísticas fotos; utilizado para divulgação de um trabalho. Economia. Diz-se da união de título de um investimento.

⁷ <http://www.dicio.com.br/> e <http://michaelis.uol.com.br/>, acessados em 08/05/2015.

Essa definição nos faz pensar que um dos caminhos e possibilidades de documentar o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos é o portfólio. Cabe dizer que a construção poderá ser tecida na relação com o educando a cada sessão ou ao longo de um período pré-estabelecido.

Nessa perspectiva, cabem as perguntas no âmbito do trabalho psicopedagógico: Qual é a importância de dar visibilidade ao atendimento psicopedagógico? Quais os interlocutores dos trabalhos? Quais os suportes possíveis para dar visibilidade aos trabalhos?

A documentação será tecida, utilizando as várias linguagens: desenho, pintura, fotografia, escrita etc. Além disso, a documentação pedagógica poderá servir ao educando, psicopedagogos e famílias cumprindo diversas funções, tais como:

- a) Na relação com o educando, contribuindo para a tomada de consciência do processo. Além disso, ele terá a oportunidade de folhear e olhar suas produções, tendo a dimensão do número de atividades em que está envolvido e dos avanços que realizou.
- b) Em relação à família, podendo ajudá-la a enxergar o processo de desenvolvimento e aprendizagem do educando. Assim, ele mesmo poderá comunicar os seus fazeres aos familiares.
- c) No que se refere ao psicopedagogo, possibilita ao especialista refazer o percurso traçado no planejamento, recomeçar, intervir nas dificuldades e identificar os avanços nas atividades.
- d) No tocante à área de Língua Portuguesa propicia a comunicação dos textos produzidos pelo educando.

Os suportes para materializar a documentação podem ser desde os mais tradicionais como folhas de papel e cartolinas encadernadas, até os mais sofisticados, como os ambientes virtuais.

Nessa perspectiva, a documentação psicopedagógica poderá ser mais uma possibilidade de materializar o processo de construção tanto do educando quanto do profissional nas sessões, construindo um histórico que também ajudará as famílias a compreenderem o trabalho desenvolvido no atendimento.

CAPÍTULO 2

2.1- Instituto *Sedes Sapientiae*: Breve Histórico

De acordo com o site Madre Cristina⁸, o Instituto Sedes Sapientiae foi fundado em 1977, pela brasileira, educadora e psicóloga Madre Cristina Sodré Dória (1916-1997). Ela atuou durante a ditadura militar brasileira, lutando bravamente para salvar vidas e ideais. Defendia a liberdade, a igualdade de direitos e a transformação social. Definia a concepção do *SEDES* "como um espaço aberto aos que quiserem estudar e praticar um projeto para a transformação da sociedade, visando atingir um mundo onde a justiça social seja a grande lei."

Segundo o site de apresentação do *SEDES*⁹, ele é um centro multidisciplinar de reflexão, de formação e de serviços, comprometendo-se, segundo sua Carta de Princípios (1978):

(...) em pautar suas atividades pelas linhas fundamentais que consagram o homem como princípio; a realidade social brasileira como campo de trabalho; o exercício da defesa dos direitos humanos como método e a libertação como fim". Desta forma pretende "assumir sua parcela de responsabilidade na transformação qualitativa da realidade social, estimulando todos os valores que acelerem o processo histórico no sentido da justiça social, democracia, respeito aos direitos da pessoa humana.

O *SEDES Sapientiae* tem sede própria com área de 3,500m², construída em um terreno de 3.000 m², com 112 salas destinadas a prestar vários serviços. Além das salas, possui dois anfiteatros, biblioteca e estacionamento. De acordo com o site já citado, o *SEDES* se mantém e é gerido da seguinte forma:

(...) sem fins lucrativos, autossustentável, vinculada juridicamente à Associação Instrutora da Juventude Feminina. Desenvolve seus trabalhos com recursos provenientes dos cursos, parcerias e de fontes financiadoras nacionais e internacionais. Sua diretoria é composta por seis membros com mandato de três anos. Há um Conselho composto por representantes do

⁸ http://sedes.org.br/site/madre_cristina

⁹ www.sedes.org.br

Núcleo de Cursos (2), dos Departamentos (2), da Clínica (2), dos Centros (2), dos Funcionários (2), além da Diretoria.

A forma de gerir o Instituto *SEDES*, composto por um conselho representado por cada curso, demonstra princípios democráticos. Ainda, de acordo com o site, há vários profissionais e departamentos:

São mais de 200 professores, 150 terapeutas e 40 funcionários administrativos que desenvolvem seus trabalhos nos departamentos de Arte Terapia, Psicanálise, Formação em Psicanálise, Psicanálise da Criança, Psicodrama, Psicopedagogia e Gestalt Terapia; nos centros de Filosofia (Cefis), Educação Popular (Cepis), Educação de Adultos (Cida Romano) e Centro de Referência às Vítimas de Violência (CNRVV); na Clínica, no núcleo de referência em Psicose (NRP); nos 30 cursos de especialização, aperfeiçoamento e mais de 30 de expansão.

A variedade e a quantidade dos departamentos demonstram a preocupação do *SEDES* com a reflexão e com o atendimento às pessoas que necessitam de cuidados psíquicos.

2.2- Chegada do educando G na Psicopedagogia

A terapeuta que atendia o paciente há dois anos, solicitou uma avaliação psicopedagógica para a equipe clínica do *SEDES*, devido as queixas de sua mãe em relação às notas baixas na escola. Relatava que era uma família com vínculo nessa instituição: seu irmão e sua mãe faziam terapia. Além da terapia, seu irmão fazia psicoterapia. Seu pai, embora tenha uma indicação para atendimento, ainda não conseguira iniciar sob a justificativa de falta de tempo.

A terapeuta contou que G, com 14 anos e cursando o 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública, é quieto, demonstrando certa timidez nas sessões. Também é muito gentil com ela, o paciente abre a porta, acende a luz da sala de atendimento. Nas sessões, escolhe para jogar Cara a Cara e xadrez. O jogo de baralho também é outra preferência dele. G frequentou um espaço extraescolar para crianças e adolescentes no batalhão dos Bombeiros onde aprendeu a jogar xadrez, conhecendo as regras e construindo estratégias para vencer. A terapeuta percebeu que G lê bem. Jogos com bola para acertar na trave de gol e no cesto de basquete, afixado na sala de atendimento, foram realizados muitas vezes

durante as sessões por sua escolha. Nesse momento está muito apaixonado por uma colega da escola.

O atendimento psicopedagógico de G iniciou-se em outubro de 2013, às quintas-feiras, das 8h00 às 9h00. Na maioria dos encontros chegava atrasado e/ou sonolento prejudicando assim, o atendimento. Em virtude das mudanças ocorridas na clínica propus um novo horário para as sessões: das 10h30 às 11h30, ainda às quintas-feiras. Essa mudança foi aceita também pela família, pois depende de seus pais para vir ao atendimento. Avalio que essa mudança foi positiva por dois motivos: não houve mais atrasos e não ficava sonolento.

Sua residência está localizada em um dos bairros da Zona Sul e estuda em uma escola pública da rede municipal no mesmo bairro.

Durante o diagnóstico psicopedagógico identifiquei problemas, principalmente na área de Língua Portuguesa, com questões em diferentes modalidades ouvir, falar, ler, escrever, interpretar e opinar.

Para iniciar a escrita de um texto, o educando se utilizava do gênero dos Contos de Fadas: "Era uma vez...". Não usava vocabulário variado e a narrativa se construía sem detalhes resultando em um texto empobrecido e com pouca criatividade.

No que se refere à pontuação e aos parágrafos dos textos, o garoto ora não os utilizava, ora os empregava incorretamente. Na produção do texto não fazia diferenciação entre língua escrita e linguagem oral, a exemplo do "e aí". Em sua fala, muitas vezes, não aplicava a concordância verbal. Essa forma aparecia na produção de seus textos, por exemplo: "Eles ficaram rei do país que gostava".

No que se referia à leitura em voz alta do livro "A chuva na escola", embora G apresentasse leitura fluida, gaguejava em palavras menos utilizadas em seu cotidiano. Apesar de dominar a leitura, ficava com seus dedos e suas mãos no queixo e, às vezes, nos lábios produzindo um som baixo.

Quando solicitado a compreender um texto era capaz de fazê-lo, porém sucintamente.

Nas conversas, G demonstrava compreender as consignas, mas falava muito pouco e somente quando convocado a responder, demonstrando certa timidez. Parecia não reter o trabalho realizado nas sessões passadas.

2.3- Projeto de intervenção

Após o diagnóstico psicopedagógico elaborei um projeto de intervenção intitulado: "Memórias Verdadeiras de G. P.", sob a orientação da supervisora Izilda Rolim. Segue o planejamento do projeto:

Projeto de intervenção

Eixo: Língua Portuguesa

Justificativa:

No período de diagnóstico constatei problemas na produção textual e na leitura em voz alta de G. No que se refere à produção textual, demonstrou ter pouco repertório de gêneros textuais e literários, bem como problemas gramaticais e estruturais de texto: não realiza a concordância verbal corretamente, pontuação e paragrafação quase não são empregados. Em relação à leitura em voz alta lê corretamente e compreende o conteúdo, porém, com um tom de voz bem baixo e seus dedos escondendo os lábios, dando a impressão de que o som fica dentro dele. Além disso, o trabalho psicopedagógico tem como objetivo desenvolver a autonomia moral no que se refere a: escolher, decidir, comprometer-se, responsabilizar-se.

Objetivo geral

Ampliar o conhecimento de mundo a partir da cultura da escrita.

Objetivos específicos

- Ler para conhecer diversos tipos de gêneros textuais e literários;
- Opinar sobre os textos lidos;
- Decidir como organizar seu livro;
- Desenvolver o senso crítico;
- Comprometer-se com as demandas;
- Expressar-se nas várias linguagens;
- Utilizar dispositivos de informações;
- Construir livro de memórias da sessão.

2.4- Registros das sessões relacionadas ao livro de memórias

Vinte de março de dois mil e catorze

G tinha algumas tarefas para trazer à sessão. Quando chegou ao saguão da clínica olhei se trouxera a mala que eu havia comprado para que levasse as tarefas para casa. Sim, ele estava com a mala, porém sem as tarefas. Abriu-a e pegou sua agenda com desenvoltura, localizou o dia, e leu quais tarefas deveria trazer para a sessão: 1- Fotos e imagens para decorar o livro de memórias. Questionei por que não as trouxe, e ele respondeu: "Escolhi três fotos, mas não tinha tinta na impressora em casa". 2- Digitar um nome para o livro. G justificou sem eu perguntar: "Não fiz porque não tinha tinta na impressora". 3- Trazer as rotinas e o problema. "Não trouxe também, porque minha mãe trabalhou e eu não achei os papéis para escrever as rotinas." Mas, fez questão de dizer o resultado do problema que levou para casa, "Deu 12". Resolvi propor a G começar a sessão resolvendo o nome do seu livro. G me perguntou: "Como era mesmo a ideia que você tinha me dado?" Resolvi dar algumas dicas antes de responder. "Começa com a letra M". Lembrou: "Ah! memórias de G. P.". "É quase isso", respondi. Na outra sessão havia sugerido "Memórias de G. P.", "Memórias verdade" e "Memórias verdadeiras inventadas de G. P." Começou a escrever as possibilidades. Escolheu a 3ª sugestão: "Memórias verdadeiras de G. P.", pois queria apenas relatar o que vivenciara na realidade, no segundo momento da sessão, organizamos o livro de memórias. G quis colar o texto que escrevera, "Meus primeiros cachorros", no livro de memórias. Também fez a ilustração na margem da página e escolheu os materiais. Disse a G que gostaria de ler três histórias verdadeiras da minha infância intituladas: "Meu pintinho amarelinho", "Meu primeiro beijo" e "A bruxa". G ouviu-as com o olhar baixo. Propus que fizesse uma história da sua infância. Respondeu: "Não sei". Acrescentando, "Não tenho." Insisti: "Pense nas histórias alegres e tristes". Respondeu rapidamente: "Já sei." Escreveu o título: "Os meus dois cachorros", Era a narração da história de quando ganhara dois cachorros de raça. Seu irmão e ele brincavam muito com os animais até que um dia, ao procurá-los os encontraram mortos. Seu pai, imediatamente, pegou o corpo dos animais, colocou-os em sacos e os jogou na lata do lixo de sua casa. **Reflexão:** Achei uma história muito triste, a dúvida pairou no ar: devo ou não corrigir esse texto, mesmo que seja importante para o aprendizado da estrutura textual, como encontrar uma forma delicada de sinalizar?

Vinte e sete de março de dois mil e quatorze

Resolvi ouvir G. Perguntei: "Você gostaria de colocar sua história no livro de memórias?". Respondeu prontamente: "Sim". 'Bom, para isso teremos que fazer algumas correções, você topa? Questionei. Respondeu: "Sim". **Reflexão** - Penso que algumas situações fazem parte do contexto do sujeito. Na equipe clínica, acharam melhor não trabalhar com o texto, pois jogar os cachorros no lixo é muito duro para uma criança. Mas G achou normal colocá-los no lixo após a morte, demonstrando que essa atitude faz parte da cultura na qual está inserido.

Três de abril de dois mil e quatorze

G chega à sessão com recortes para fazer a capa do seu livro, a minha contribuição foi escrever o título e imprimir o material. Confesso, senti uma grande alegria quando G espalhou esses recortes na mesa. Nas sessões tento encontrar possibilidades para que G possa escolher, porque, na relação com a família é quase tudo imposto. Por isso, trouxe impresso o título colorido e outro em preto e branco, ele escolheu o primeiro. Passou uma grande parte da sessão recortando e montando a capa do livro de memórias. Para finalizar, pedi a G que escrevesse sobre a utilidade do livro: "Bom... Porque eu posso ter um livro com coisas minhas, lembranças e tudo mais." **Reflexão** – G começa a se comprometer trazendo as tarefas de casa para as sessões psicopedagógicas.

Dez de abril de dois mil e quatorze

A crônica "A velha contrabandista", de Stanislaw Ponte Preta, foi apresentada a G durante minha leitura parava e indagava-o: "O que será que a velhinha contrabandeava?". Pensou e respondeu: "Comida, roupas e drogas". Mas, quando soube que era uma lambreta ficou espantado. Como a meta é criar condições para que G opine, perguntei: "O que você achou da crônica?" Escreveu: "Legal, porque tem suspense". **Reflexão** – Percebi pela expressão facial de G que no início da crônica ele não estava tão interessado, mas depois foi entrando na história, "ouvindo" com os olhos e tentando descobrir a "charada". Textos de suspense chamam a atenção e os adolescentes gostam de ler, G também demonstrou interesse.

Vinte e oito de abril de dois mil e quatorze

Pedi a G que me apresentasse as músicas do grupo musical *Ao Cubo*, levei três que havia pesquisado e ele escolheu uma. Leu para mim e depois deu sua

opinião. No caderno opinou sobre a composição do Marquinhos, escrevendo: "Que tendo fé tudo pode acontecer. A mulher não morreu e nem o filho nasceu deficiente como tinha dito o médico." No livro de memórias G não só escreveu sua opinião sobre a música do grupo, também ilustrou com várias linhas juntas. Perguntei: "O que significa isso?" Respondeu: "Desenhei confusões". "Como assim?", questionei. "O médico disse uma coisa, mas aconteceu outra. Mas quem resolveu foi Deus porque a mulher acreditava nele", foi sua resposta. **Reflexão** – G, mesmo timidamente, vem dando suas opiniões. Quando tem conhecimento sobre o assunto fala ou escreve mais.

Oito de maio de dois mil e quatorze

Propus a G a leitura de "Diário de um Banana"¹⁰ para lermos no início da sessão. Perguntei se conhecia, disse que já tinha ouvido falar. Antes de iniciar a leitura contei-lhe que estava escolhendo alguns livros para lermos juntos e resolvi trazer o "O diário de um Banana" porque tem relação com o que estávamos desenvolvendo nos encontros, acrescentei que ele poderia sinalizar se estava gostando ou não. Se não, poderíamos trocar de livro. Li uma parte e ele, outra. Percebi que estava lendo alto, com firmeza e também ficava atento para saber o que aconteceria com os personagens. Em um determinado momento perguntei: "Vamos parar por aqui?". Respondeu: "Sim". No segundo momento da sessão, organizamos o livro de memórias. G quis colar no livro de memórias o texto "Meus primeiros cachorros", que escrevera e que agora estava corrigido. Também fez a ilustração na margem da página e escolheu os materiais para a produção. Mas ainda pede para iniciar as tarefas dizendo: "Posso começar, posso fazer assim...". Respondo-lhe que o desenho é dele e o livro também, portanto, pode fazer como achar mais interessante. Fez linhas coloridas em algumas partes do texto para ilustrá-lo. **Reflexão** - Essa falta de posicionamento para resolver, escolher e opinar, na minha leitura, tem relação com a forma como a família educa G, endossada pela escola.

Quinze de maio de dois mil e quatorze

No início da sessão, propus a G colocar sua biografia no livro de memórias. Perguntei a ele o que é biografia? Respondeu: "Não sei". Então propus que

¹⁰ Diário de um Banana, de Jeff Kinney, Editora V&R

pesquisasse na internet. Foi buscar no Google, leu e disse: "Agora já sei". G escolheu uma biografia para pesquisar: Paulinho, ex-jogador do Corinthians. Depois pesquisou sobre a biografia dos cantores do *Ao Cubo*, grupo musical gospel, pois G havia dito que gostava de ouvir. Depois fomos ler a biografia de alguns componentes do grupo: Cleber e Feijão. **Reflexão** - O conceito de biografia foi introduzido nas sessões, porém contextualizado com situações que fazem parte do universo de G.

Vinte e dois de maio de dois mil e quatorze - Entrevista com a mãe

Havia necessidade de se dar um retorno sobre a avaliação psicopedagógica realizado com G para a família. Assim, agendei uma entrevista somente com a mãe para ouvi-la, pois, no primeiro encontro, somente o pai se colocou durante a conversa e, no segundo, ela não compareceu. Fiz, para a mãe, uma breve apresentação com slides do que havia identificado, principalmente em relação à Língua Portuguesa. Conteí sobre o projeto de intervenção para e com G intitulado: "Memórias verdadeiras de G. P.". Mostrei que para documentar as memórias, construímos uma pasta decorada por ele. Esse material na verdade se transformou em um portfólio, pois agrupa produções de texto, histórias lidas, opiniões etc. Sua mãe fez questão de dizer que gostou do trabalho porque G lê nas sessões, mas em casa não demonstra interesse. Abordamos o assunto sobre divisão de tarefas domésticas e das vendas de doces e salgados no comércio da família, onde os pais e G trabalham. Apesar de G ser apenas um ano mais velho que o irmão, as demandas ficam para ele, pois o irmão fica assistindo TV e jogando vídeo game. Propus a sua mãe que refletisse que tipo de sentimento que poderia gerar nos irmãos com esse desequilíbrio de tarefas tão evidente e, que a partir dessa reflexão, repensasse a divisão de tarefas entre os irmãos. Ela respondeu que conversaria com o marido e os garotos, inclusive teve a ideia de ensinar ao irmão a fazer o creme de chocolate para diminuir as tarefas de G. **Reflexão** - A mãe de G ainda carrega um sentimento de culpa ou preocupação com seu filho caçula, pelo seu histórico de saúde e tenta compensá-lo. O maior desafio do psicopedagogo é orientar e ao mesmo tempo não se misturar com o problema.

Vinte e nove de maio de dois mil e quatorze

Comecei a sessão contando ao adolescente a conversa que tive com sua mãe, principalmente sobre a divisão de tarefas dos afazeres domésticos e das preparações de doces e salgados para levar ao trabalho. Perguntei se sua mãe tinha conversado

com eles, disse-me que sim, mas que até agora não tinha acontecido nada, ou seja, o irmão continuava na TV enquanto G cuidava dos afazeres domésticos. Perguntei a G como estava a escola. Respondeu: “Em greve”. Perguntei o que é greve. Respondeu: “Paralisação”. Diante da resposta do G, propus uma pesquisa na internet sobre greve. Colocou no Google "o que é greve" e depois leu o texto. Expliquei a diferença entre paralisação e greve; depois a importância da greve e seus impactos para quem usa o serviço. **Reflexão:** A possibilidade de trabalhar nas sessões com a internet dinamiza o trabalho e, ao mesmo tempo, insere o educando no mundo digital contextualizando o século XXI.

Vinte e sete de junho de dois mil e quatorze

G levou o livro "Diário de um Banana" para casa e eu estava imaginando se ele traria ou não. Na recepção lá estava ele com o livro em suas mãos. Entramos e iniciei nossa conversa: "Em qual página você parou a leitura?" Respondeu: "Li de novo aquelas que tínhamos lido". Percebi que as páginas estavam sujas. G disse que sua prima de nove anos quis ler, mas não lhe emprestou para levá-lo para casa porque o livro era meu. Mas que, quando a menina pegou o livro e começou a ler, sua tia que estava próxima percebeu que ela tinha dificuldades para enxergar. Disse para ele que iria conseguir mais um exemplar para sua prima ler. Como a nova gestão do *SEDES* pediu para os pacientes preenchessem uma cadastro, resolvi pedir a G que o fizesse, com o intuito de saber se já é capaz de escrever as informações solicitadas. Uma das dúvidas que G apresentou foi se parentesco era a mesma coisa que sobrenome. **Reflexão** - Às vezes, jogamos um cipó e não sabemos onde vai parar ou quem vai pegar. G, levando um livro, despertou a vontade de uma garotinha ler aquela história. Quando a garota começou a ler sua mãe identificou algo estranho na visão dela. Acredito que o trabalho psicopedagógico vai além das quatro paredes da sessão, atingindo um raio de ação cuja dimensão, muitas vezes, não podemos prever.

Onze de julho de dois mil e quatorze

Eu trouxe para lermos juntos a poesia de Cecília Meireles, *Ou Isto ou Aquilo*. Li uma vez e depois G também leu. Propus que fizéssemos uma leitura para o público, para isso teríamos que fazer de conta. Topou! Fiz a primeira leitura de pé, olhando para o público imaginário e inventei uma parte da frase: “Não sei se brinco ou fico na internet”. Ele gargalhou e eu também. Depois foi a vez dele, de pé, lendo com a

cabeça baixa. Falei: "Opa, é assim que você vai se apresentar ao público?" Levantou a cabeça e leu, dando uma olhadinha para mim e voltando ao texto, mas não resistiu e aumentou a frase "Não sei se brinco ou fico na internet". No final, bati palmas e o ovacionei, "Bravo, bravo!" Abriu um sorriso. Fiquei emocionada pelo esforço que ele fez. Perguntei: "Qual sua opinião sobre a poesia?" Respondeu, a seu modo: "Se pode fazer só uma coisa boa pra você no futuro." Voltei a questionar: "Qual o parágrafo que fez você pensar?". "Ou guardo dinheiro e não compro o doce", respondeu e complementou, "Se gasto o dinheiro hoje não tenho dinheiro no futuro". Perguntei: "Como a gente guarda dinheiro para o futuro?" Respondeu: "Trabalhar, ter dinheiro, guardar e colocar no banco". O último item demorou muito para ele chegar, pois dizia: "Dou para o meu pai guardar, escondo na casa e no final chegamos ao banco. Tive que mostrar as diferenças, principalmente do banco em relação à segurança e à correção monetária. Assim, disse a G que precisamos discutir um pouco sobre o gosto musical dele, pois os seus pais não concordam que ele escute funk. Disse que gostaria de fazer um trabalho sobre esse estilo musical, mas que precisava de sua ajuda: para fazer um levantamento dos nomes das músicas. Meio tímido escreveu os grupos que ele "curte", MC Livinho 2014, MC Kapela MK 2014 e MC Kavan 2014. Esse levantamento das músicas nos ajudou a discutir sobre as letras. **Reflexão** - Apesar de G trabalhar todos os dias com a família, não tem salário, pois seus pais compram suas roupas e, se precisar, dão uns trocados. G parece conformado com isso dizendo: "Não preciso de dinheiro porque meus pais compram." Creio que administrar um pouco de dinheiro contribui para a educação financeira, penso que seja mais uma questão a ser trabalhada com a família.

Dezoito de julho de dois mil e quatorze

G montou uma das páginas do livro, mas sem perguntar como antes: "Posso começar? Posso fazer e colar assim?" Para organizar as páginas do livro de memórias, discutimos o que é planejamento. Não soube explicar, mas chegamos juntos a algumas repostas: antecipar e planejar as ações. Depois disse a G que para organizar as páginas do livro de memórias era necessário planejar para não haver descompassos na execução da tarefa. Pois, como não organizava a disposição das figuras na colagem acabava por não conseguir distribuir todas pelo espaço das páginas. "Lembra?", perguntei. "Sim", respondeu. Fez com propriedade o planejamento distribuindo a capa do livro e a cópia da poesia "Ou isto ou aquilo".

Quando foi organizar a mesa de trabalho, falou: “Deixa eu guardar na mala”. Perguntei de novo: “Mala?” Respondeu: “Sim, mala do tesouro”. Questionei: “Tesouro do quê?” Respondeu: “Da minha memória.” Como não teremos sessões nas férias, levou o livro *Diário de um Banana* para ler em casa. Perguntei por que gostava de funk? Disse: “Não sei”. Provoquei: “Faz um esforço”. Respondeu-me: “Eu gosto do ritmo”, terminou de falar rindo. **Reflexão:** Hoje fui surpreendida com a fala de G ao nomear o livro de memórias como “mala do tesouro”. Essa fala me faz pensar que G, para além do trabalho de Língua Portuguesa, atribuiu um significado precioso ao “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P”.

Trinta e um de julho de dois mil e quatorze

Lemos as letras de duas músicas de funk “Caçadores de Emoção” e “Jogo de Azar”. Pedi para G escolher uma música e analisar pontos positivos e negativos da letra. Escolheu “Jogo de Azar”, grifou na letra da música, como positivos, as frases “Eu passo as ninfeta fica venerando. Me olha e depois dá risada. Já sei que de mim deve ta cochichando.” como positivo: Explicou que quando a moça olha para o moço fica feliz, fazendo uma análise positiva. O grifo negativo foi no parágrafo: “Tu vai me ligar, vai me implorar e eu cheio de orgulho só vou negar voz”. Justificou sua escolha do trecho como ponto negativo: “Porque o rapaz está rejeitando a moça. Quando a gente termina um namoro, a gente precisa falar, olhar e explicar.” Como a sessão estava terminando propus que discutíssemos a letra da música “Caçadores de Emoção” em outro momento. **Reflexão** - G demonstra, no ponto positivo, o quanto é importante ser desejado. Em relação ao ponto negativo, destaca o fato do sujeito dever respeitar a namorada.

Vinte e oito de agosto de dois mil e quatorze

G leu mais uma parte do livro *Diário de um Banana*. Depois fomos ler a origem do funk e como o ritmo surgiu no Estado Rio de Janeiro. Escreveu sobre o assunto para colocar no “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P.”. Nas nossas conversas, durante a sessão anterior, havia pedido a G que perguntasse aos pais sobre o que gostavam de ouvir na mocidade. Quando perguntei se levantara essas informações em casa, e contou: “Meu pai música romântica e minha mãe forró, sertanejo e funk.” Não resisti e indaguei: “Funk?” Assentiu rindo: “Funk!” Caímos os dois na gargalhada. Hoje a mãe de G é evangélica, por isso, ouve muitas músicas gospel. G já organiza

seu livro de memórias, analisando se a folha com textos cabe ou não e, se necessário, corta e cola adequadamente. Fechamos a sequência de atividades continuando a leitura sobre a origem do funk no Rio. Escreveu no seu livro de memórias: “Descobri a origem do funk, os especialistas dizem que esse estilo musical veio dos negros norte-americanos. Perguntei a G o que ele vem aprendendo nas sessões, mas antes sugeri que recorresse ao livro de memórias. Escreveu: "Eu descobri a origem do funk, como ele foi evoluindo a cada dia mais e aprendi o que é biografia; também aprendi a dar uma opinião melhor." **Reflexão** - G executou a página do livro de memórias com autonomia. Avalio que é uma conquista planejar e não pedir se pode começar a trabalhar ou usar determinados materiais.

Quatro de setembro de dois mil e quatorze

Fui buscar G na sala de espera, seu pai quando me viu com a sacola carregada, falou bem alto: "Ajuda a mulher a carregar, que cavalheiro é você?" Ficamos, eu e o adolescente, constrangidos, pois foi perto de outras pessoas. G começou a sessão lendo o livro Diário de um Banana. Perguntei se ele lembrava onde tínhamos parado, não hesitou ao responder: "O garoto quer comprar uns equipamentos para fazer exercícios". Trouxe a letra de um funk que crítica os políticos: "Tá faltando", do Grupo Manajés. Esse grupo cria e canta músicas de rap, e nessa produção experimentaram um outro estilo musical do qual G gosta. Coloquei a música e G foi acompanhando a letra. Ao final perguntei o que achou da música e se percebia alguma diferença entre o funk de ostentação e esse. Ele disse: "Gostei do ritmo". Perguntei sua opinião sobre a letra. Respondeu sinteticamente: "Também". Indaguei: "Por quê?" Respondeu: "Fala das crianças que usam drogas." Pedi a G para escrever sua opinião. Lembrei-o que outras pessoas leriam o texto, por isso, o desafio de se fazer entender por escrito. Para trabalhar a estrutura textual, usei a estratégia de ouvi-lo oralmente e depois ajudá-lo a transformar em linguagem escrita. As minhas perguntas o provocavam a pensar sobre o que queria escrever e como encadear as ideias: "Para introduzir para o leitor colocamos o quê? Quais problemas aparecem? Por que acontecem esses problemas? Você concorda ou não concorda com o compositor?" Afixou a letra da música e sua opinião no livro de memórias. Perguntei se gostaria de colocar um colorido, mas respondeu que não. Pela primeira vez achei uma resposta firme. No final da sessão disse a G que estava na hora de pensarmos na conversa com seus pais. Essa conversa será com os dois?" perguntei. Respondeu: "Não sei". "Então

pensa e me fala depois", falei . Também disse a G que precisávamos pensar em como apresentar as pesquisas aos seus pais. Perguntei se sabia mexer no programa *power point*. Disse que aprendeu na escola. Expliquei-lhe que também poderíamos usar essa ferramenta na preparação da apresentação. **Reflexão** - Achei uma novidade G ficar em dúvida sobre quem ele gostaria que comparecesse à reunião começando a se posicionar frente às situações.

Onze de setembro de dois mil e quatorze

A proposta foi identificar pontos positivos e negativos da letra do funk "Caçadores de Emoção". Primeiramente, G fez a leitura e depois foi selecionando os parágrafos: um parágrafo com pontos positivos e seis parágrafos negativos. Para tal, foram necessárias as minhas provocações. Confesso que fiquei impressionada com a quantidade de parágrafos negativos. Em seguida, expressou verbalmente sua opinião sobre a letra da música, e depois foi escrevendo, colando em seguida no livro de memórias suas impressões: "Minha opinião sobre a música "Caçadores de Emoção" do MC Kapela MK. Fala sobre mulher, gastar dinheiro e como gastar. Ao ler a música identifiquei seis parágrafos negativos e um positivo. Em relação às mulheres, a letra coloca-as em nível baixo. Essas mulheres são vistas como interesseiras. Já os homens são machos. Embora eu identifique vários pontos negativos, gosto de escutar funk pelo seu ritmo." Chegou a hora de planejar a apresentação da pesquisa e discussões que fizemos a seus pais. Perguntei a G como poderíamos dividir a apresentação e qual seria o meu papel e o dele. Respondeu: "Eu vou ser escritor e você a professora." Perguntei: "O que o escritor fará?" "Mostrará o livro de memórias", disse. Conclui: "Então vou abrir a apresentação." Sugeri que fizéssemos uma brincadeira no dia: *Escravos de Jó, pensando em estratégia para descontrair a família*. G concordou. Perguntei se tinha pensado para quem apresentar para os dois ou apenas a um de seus pais. Respondeu: "Os dois!" **Reflexão** - Uma das minhas preocupações, em relação ao "Livro de Memórias Verdadeiras de G P." era não encontrar caminhos para fazer uso do material socialmente, pois o consultório muitas vezes é restrito para o educando comunicar os textos produzidos. Quando G se colocou como escritor e propôs utilizar o livro para apresentar as pesquisas e opiniões sobre o funk aos seus pais, percebi a função social que o material estava promovendo nas sessões.

Dezoito de setembro de dois mil e quatorze

Pedi aos pais de G que fossem à sala depois de cinco minutos. Enquanto isso, G e eu fomos organizar o espaço, percebi que estava animado pegou as cadeiras e arrumou os materiais sobre a mesa. Perguntei: “Está tudo bem?” Respondeu: “Sim!” Depois exercitamos um pouco a brincadeira *Escravos de Jó* até ele aprender os movimentos. Peguei o "Livro de Memórias Verdadeiras de G. P." e perguntei se ele apresentaria a pesquisa sobre funk, respondeu que mostraria tudo. Quando seus pais entraram na sala, contei qual era o objetivo da reunião e que iríamos brincar um pouco. Foi quando a mãe de G disse: “É para relaxar?”, rapidamente respondi: “É isso mesmo!” Começamos a brincadeira *Escravos de Jó* e os pais tiveram um pouco de dificuldade para entrar no ritmo, quando conseguimos a sequência, bati palmas e eles timidamente sorriram. G começou a apresentação, lia o que escreveu e documentou no livro de memórias, eu contextualizava para dar sentido às leituras. No meio da apresentação, leu a poesia de Cecília Meireles. Percebia que a sua mãe estava feliz, esboçava sorrisos no canto dos lábios. Seu pai assistia a tudo sério, com as mãos entrelaçadas sobre a mesa. Quando entramos na temática funk fui contando o processo e G foi lendo suas descobertas e opiniões. Fui valorizando as opiniões sobre as inadequações das letras das músicas no que se refere à apologia ao crime e a forma como as mulheres são vistas. De repente, seu pai se colocou: "Escrever é fácil, mas quero ver se não vai fazer". Resolvi fazer uma rápida intervenção "Vamos olhar o aqui e o agora, G nos mostra que tem criticidade." Foi quando o pai colocou várias questões no comportamento do adolescente. Uma delas foi quando cabulou aula, porque não foi com o uniforme da escola. Um primo que estuda na mesma sala de G contou que não o viu na aula. Resolvi dizer que G está grande para apanhar, e que é importante manter o diálogo. Eles aproveitaram para me contar outra situação que aconteceu antes de virem à sessão. G foi limpar seu tênis e o pai achou que ele havia vindo sozinho à sessão. Narrou a cena do momento em que o encontrou, descrevendo o diálogo entre os dois: "Você está aí?" G respondeu com outras duas perguntas: "O que você quer?" e "Que foi?" O clima ficou tenso e G estava constrangido. Dessa forma, resolvi encerrar a sessão, pois já estávamos juntos há uma hora e meia.

Reflexão- Na hora que brincamos G olhava muito para seu pai expressando felicidade. Foi muito interessante vê-los brincando, mostrando outro caminho de se relacionar.

Dois de outubro de dois mil e quatorze

Abri a sacola de materiais e fui colocando sobre a mesa estojo de lápis, o livro de memória, caderno e o livro *Diário de um Banana*. Foi quando G falou pela primeira vez espontaneamente: “Assisti ao filme do *Diário de um Banana*, na TV a cabo! Lá os personagens são gente e de vez em quando aparecem em desenhos”. Perguntei quando havia assistido e ele respondeu que fora no domingo. Disse a G que precisávamos avaliar a apresentação que fez aos seus pais. Fiz três perguntas: *Qual a cena que mais te marcou? O que você faria diferente? Qual o efeito que a apresentação causou?* À primeira pergunta respondeu por escrito: “De todos brincarem”. Pedi para que ele falasse mais um pouco sobre isso: “Ver meu pai e minha mãe brincando, eles não têm tempo”. À segunda: “Nada”. “Nenhum” foi sua terceira resposta. Colou as perguntas e respostas no livro de memórias e propus que desse um colorido à página. Perguntei quem era o bebê que estava na sua página do Facebook. Disse: “Minha sobrinha.” Respondi: “Que bacana!” Perguntei se tinha irmãos, além do Re, e ele prontamente respondeu que sim, um irmão e uma irmã. “Filhos de quem?” perguntei e ele esclareceu: “Do meu pai.” Foi quando me contou que sua sobrinha fez um ano de idade e teve uma festa no domingo. Como sua irmã mora longe, deixaram a mãe na igreja e foram à festa. Também acrescentou: “Assisti ao filme na minha irmã com o meu cunhado.” Deixei, pela primeira vez, a leitura do livro *Diário de um Banana* para o final da sessão, mas antes perguntei se achava que tinha sentido continuar a ler o livro, respondeu que sim. Então, comecei a leitura e G, às vezes, antecipava o que aconteceria nas cenas. Nunca o vi tão animado na sessão. Brinquei que a leitura ficou mais colorida, depois que ele assistiu ao filme. Quando deu a hora de terminar a sessão, sinalizei: “Vamos ficar por aqui hoje”. Respondeu: “Sim”. Mesmo de pé, contava mais sobre os episódios do livro. Resolvi perguntar: “Nossa, deu tempo para você assistir a dois filmes?” Respondeu: “O filme *Diário de um Banana 2* assisti na segunda-feira, à tarde.” Perguntei: “Você não foi à escola?” E, de repente, contou que foi suspenso por três dias na escola porque brigou com um menino que “tirava sarro” dele desde o ano passado. Perguntei se seu pai havia ido à escola e se queria que eu fizesse algo. Respondeu não às duas perguntas. Na porta da sala lhe disse: “Que bom que você pode contar para mim. Senti que ficou aliviado.”

Reflexão - Todas as situações de punição realizadas pela escola vinham pela voz da família e, pela primeira vez, ele conseguiu me contar. Minha leitura é que hoje confia

mais em mim. Além disso, poder compartilhar algo que aprendeu fora do atendimento deixou-o entusiasmado.

Trinta de outubro de dois mil e quatorze

G lembrou que tinha duas lições de casa. A primeira pesquisar como seus pais se conheceram e, a segunda, conversar com a coordenadora da escola sobre como recuperar as notas nas disciplinas de Matemática e História. Quanto a primeira, respondeu que seus pais se conheceram dentro do ônibus, pois seu pai era cobrador. Em relação a segunda, contou-me que conversou com a coordenadora dizendo: “A minha pedagoga do *SEDES* perguntou se posso fazer um trabalho para aumentar minha nota”. A coordenadora respondeu que falaria com as professoras. G me contou que os professores fariam prova com consulta, ou ainda a entrega de trabalho, para ajudá-lo e que a professora de Matemática chorou porque roubaram o seu celular na própria sala de aula. O diretor, secretária e assistente conversaram com os alunos e fizeram uma vistoria em seus objetos pessoais. Também disse que depois do episódio, a sala está mais silenciosa e a professora está conseguindo dar aula. Percebi uma risadinha no canto de sua boca Perguntei por que estava com aquele risinho. Sua resposta: “Por que só fazem isso quando roubam celular dos professores, mas dos alunos nem ligam.” Perguntei o que achava disso? “Injustiça!” foi sua resposta. Retomamos a escrita da sua biografia e G acrescentou mais duas palavras ao passar a limpo para colocar no livro de memórias. Planejou o espaço e escolheu o papel para escrever. Disse-lhe que poderia colocar sua foto também. Topou e se comprometeu a escolher uma foto me enviando por e-mail. Elogiei o “Livro de Memórias Verdadeiras de G.P.” e lhe disse que quando tiver seus filhos poderá mostrar para eles, respondeu: “Antes, minha vó vai ver!” Respondi “Que bacana! Você é quem vai mostrar?” “Será minha mãe, ela gosta de contar as minhas coisas para ela.” Indaguei se ele gostaria de mostrar para ela? Ele respondeu prontamente que sim. **Reflexão** – O fato de G lembrar das tarefas e respondê-las me chamou minha atenção, eu diria que foi um aspecto bastante positivo. Outro aspecto foi identificar a injustiça que acontece na escola, a direção ajuda os professores, mas os alunos não. G tem senso crítico, porém vive em espaços autoritários sem diálogo para manifestar o que pensa e acredita.

Dez de agosto de dois mil e quinze¹¹

Iniciei a sessão com G retomando a conversa que fizemos na semana passada com sua mãe. Perguntei se ela havia conversado com ele, disse que não. Mas, me contou que, quando chegaram em casa, sua mãe falou sobre a conversa a seu pai. Ela começou dizendo ao marido que Rose estava fazendo um trabalho muito legal com Giovanni sobre drogas e que tinha visto no “Livro de Memórias Verdadeiras do G.P”. De acordo com o que disse, seu pai retrucou: “Mas não está adiantando nada esse trabalho”. Comentou comigo que a mãe ficava cansada do pai porque ele não entende nada, terminou a fala com um sorriso. Além disso, a mãe disse ao pai que G precisa de um espaço só para ele, com os seus amigos e, futuramente, com a namorada. Também comentou que era necessário remunerá-lo por seu trabalho na barraca de doces. Acreditei ser importante elogiar a postura de G na conversa com sua mãe, pois nos encontros junto com os pais ficava encolhido, só se colocando quando convocado. Ao iniciar a minha fala me chamou atenção o fato de, pela primeira vez sem eu pedir, G levantar a cabeça e olhar em meus olhos por vários minutos. Disse a G que gostei muito da forma como argumentou, comigo e com sua mãe, principalmente sobre a importância de ser remunerado em espécie por seu trabalho. Além disso, afirmou no encontro que a família deve suprir as necessidades dos filhos como: alimentação e vestimenta, independentemente de trabalhar fora ou não. Nesse momento, quando estava recapitulando a conversa, acrescentou: “O meu irmão que não trabalha ganha as mesmas coisas. E quando ganho algo melhor é no meu aniversário, isso não vale”. A proposta do dia foi a leitura de uma campanha do governo sobre o alcoolismo na adolescência e um artigo sobre coma alcoólico. Disse que a temática dos nossos encontros vem sendo drogas e, a vivência que teve, junto aos colegas, com bebidas alcoólicas ajudou nessa escolha de hoje. Acrescentei que o objetivo da proposta era informá-lo. Assim, acreditei ser importante antes de lermos os textos perguntar como foi a experiência de se embriagar. Contou que enxergava vários degraus, a cabeça doía muito e vomitou. Perguntei como foi sentir tudo isso? Respondeu: “Depois é muito ruim.” Leu os textos e fez uma síntese sobre os assuntos. No início de 2015, quando produzia um texto, não se preocupava em colocar parágrafos e utilizar corretamente letras maiúsculas e minúsculas, atualmente fica

¹¹ Embora as sessões fossem semanais, houve a escolha de citar apenas os registros que tratassem sobre leitura e escrita. Dessa forma, há um espaço de tempo diferente entre esse encontro e o anteriormente citado.

mais atento às regras ortográficas. Na correção que fazemos juntos já percebe a quantidade de “que” escritos no mesmo parágrafo. No final da sessão lhe disse: “G quantas histórias você tem para contar: o dia que saiu e correu de bicicleta dos seus pais e o primeiro dia em que ficou bêbado. Nossa, me dá água na boca ajudar você a escrever.” Brinquei que dependendo da história teríamos que fazer semelhante às fábulas, com uma moral no final. Ele arregalou os olhos para mim e disse: “Eu conheço!” Lembrou que ouvia essas histórias na escolinha e que seu pai tinha algumas em casa quando era pequeno. Nas sessões psicopedagógicas quando trago algo diferente a exemplo de livros, pergunto a G se conhece, na grande maioria das vezes ele diz que não. Sinto que fica meio constrangido, por isso parei de perguntar. Naquele momento demonstrou alegria, pois identificou algo que faz parte da sua história pessoal. **Reflexão** - O medo sentido pela família, e também pela psicopedagoga, de G se encantar pelo caminho das drogas e da malandragem faz com que não se abra espaços para ele falar dos seus sentimentos e sensações sobre esse assunto, mais especificamente. Acredito ser importante ouvir buscando esclarecer e informar.

Dois de julho de dois mil e quinze

G passou a limpo a síntese sobre alcoolismo. Perguntei se gostaria que eu ditasse o texto. Respondeu: “Não.” Confesso que levei um susto da maneira como ele se posicionou. Começou a rir quando percebeu o meu espanto. Assim, acompanhei-o na risada. Percebi que a cor da pele da mão de G estava mais escura. Então, perguntei: “Sua pele da mão está mais escura ou é impressão minha?” Respondeu: “Sim, estou empinando pipa!” Questionei: “Você está de férias?” “Sim”. Indaguei-o: “Os professores não vão repor a greve?” “Sim, mas deram 15 dias de férias, volto à escola no dia 20 de julho”, respondeu. “Nossa, e você está conseguindo brincar a tarde sem precisar ir à lojinha de doces?”, questionei. “Meu pai vai fechar, só está esperando os homens buscarem as coisas”, me contou. Pergunto: “O que? Geladeiras, balcão etc.” responde. Continuei perguntando: “Você fez avaliações na escola?” “Algumas de História e Física”, diz. “Você foi bem?”, pergunto querendo saber mais. Diz que mais ou menos e me contou que fez uns testes de Matemática e Língua Portuguesa para competir com outras escolas. Perguntei se a prova estava difícil. Novamente mais ou menos foi sua resposta. Continuei a perguntar: “O que fez em Português?”, G respondeu que escrevera um texto e respondeu alguns testes. “Na

produção do texto você conseguiu lembrar-se do que aprendeu nos encontros psicopedagógicos?”, questionei. “Sim, antes escrevia tudo com letra maiúscula, sem pontuação, tinha mais erros de português. Escrevia os que na mesma frase e me atrapalhava entre mais e mas”, respondeu sorrindo. Depois da síntese começou a ilustrar o texto, e fomos conversando. Expresso meu contentamento porque ele está empinando pipa, e pergunto se isso está tranquilo para seus pais. “Sim, tenho que chegar às 14h para tomar banho e ir ao trabalho com meu pai”, responde. Achei ótimo. De repente, me conta que na segunda-feira seu pai o chamou no trabalho e perguntou o que ele queria da vida e que respondera: “Tirar carteira de trabalho e ganhar dinheiro.” Continua falando: “Meu pai fez uma proposta de remuneração de R\$ 30,00 por noite e quando trabalhar meio período R\$ 15,00. Comecei a bater palmas, G começou a rir. Comemorei: “Você conseguiu!” Disse para mim que já ganhou R\$ 50,00 por seu trabalho. Perguntei: “Você nunca contou para mim?” “É porque faz muito tempo, tinha 13 anos. Gastei o dinheiro em pipas”, respondeu. Perguntei se já havia pensado em como ia gastar esse dinheiro e G respondeu que o pai quer que ele guarde para comprar algo depois. Estava desistindo de iniciar a fala sobre o encerramento das sessões psicopedagógicas. Pensei mais um pouco e resolvi falar. Comecei a fazer uma retrospectiva: “você sabe que sou estagiária na Clínica e estou perto de encerrar. Lembra-se da Le, sua terapeuta, ela também encerrou o estágio. G. continuou com a cabeça baixa desenhando. Quando a Le encaminhou você para mim era para fazer uma avaliação psicopedagógica. Fiz e constatei que você não tem problemas de aprendizagem e que sua questão é ter oportunidades de aprofundar os conhecimentos na área de Língua Portuguesa. Na escola você não mudou muito, pois, na maioria das vezes, não participa das aulas por muitos motivos. Posso afirmar que sua evolução nos atendimentos foi muito significativa, principalmente na produção de texto.” Continuou calado com a cabeça baixa. Então perguntei o que pensava sobre isso. “Ruim.”, respondeu. “Por quê?” pergunto. “Aprendo”, respondeu simplesmente. “É verdade, mas você já tem recursos para lidar com muitas coisas, veja a produção do texto que você fez na escola. Enquanto isso, vamos trabalhando. Você topa fazer as suas histórias?” concluí, por hora, perguntando. “Sim”, respondeu abrindo um sorriso. Pergunto qual das histórias e ele respondeu que iria pensar, porque são muitas. **Reflexão**- Não é fácil terminar um ciclo, mas G não ficará desamparado no que se refere às relações, continuará no atendimento terapêutico.

Dez de agosto de dois mil e quinze

Relatório final sobre registros e documentações. Ao começar o atendimento psicopedagógico fiquei muito insegura, apesar da minha experiência profissional na área da Educação, principalmente, porque nunca tinha trabalhado com adolescentes. Foram vários os registros e documentações que construí na relação com o educando. No que se refere aos registros, utilizava um diário de bordo nas sessões, anotando palavras e pistas para as próximas propostas. Também fazia um relatório a cada sessão com uma pequena reflexão no final, no que me baseei para fazer os relatos aqui expostos. Outra situação que podemos nomear como registro é o planejamento das sessões. Alguns desses registros foram traduzidos em documentações que são os relatórios, acondicionados no prontuário do educando e também utilizados nas supervisões psicopedagógicas. As faltas e atrasos me deixavam, muitas vezes, desanimada, mas quando abria a sacola e tirava o “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P.”, sentia-me energizar e pronta para recomeçar. Dizia a ele: “Vamos ver onde paramos.” Em muitas ocasiões, ele mesmo falava, ao folhear as páginas, parei aqui e falta isso. A partir dessa fala, eu percebia que ele estava acompanhando o trabalho psicopedagógico. Na relação com G, percebi que o “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P.” foi para além da construção do trabalho psicopedagógico, ou seja, foi um instrumento para identificar sua evolução e ampliação de repertório literário. Comunicar o trabalho não havia sido planejado, porém, foi incorporado ao nosso cotidiano. Quantas vezes usei o livro de memórias para narrar a evolução de G à equipe clínica, ao grupo de supervisão psicopedagógica e, principalmente, à família. Ao propor o livro de memórias a G, não tinha a dimensão das várias possibilidades que o material abria.

CAPITULO 3

DIÁLOGOS COM OS REGISTROS DAS SESSÕES

No intuito de identificar a importância da documentação psicopedagógica buscamos os três segmentos para discussão: educando, família e psicopedagoga, pois fazem parte do processo dinâmico do atendimento. Para tal, apresentamos alguns pressupostos básicos a fim de dialogar com os registros das sessões que aparecem na documentação psicopedagógica, são eles: fortalecer a comunicação, refletir sobre o percurso do educando e registrar a memória.

3.1- Os registros na relação com a família

A ideia de como transformar esse livro de memórias para fortalecer a comunicação com a família, ou melhor, fazer uso social desse material, ainda não era clara no início do trabalho, mas o próprio G foi dando pistas de como utilizá-lo para esse fim. Quando combinamos em fazer a apresentação para seus pais sobre a história do funk propus usar PowerPoint, mas G preferiu utilizar o livro de memórias; conforme vimos na descrição dos atendimentos

O livro de memórias também serviu de referência para relatar o trabalho desenvolvido com G em sua casa; a mãe se referiu a ele para valorizar o trabalho que estava sendo realizado nas sessões de psicopedagogia

(..) me contou que, quando chegaram em casa, sua mãe falou sobre a conversa a seu pai. Ela começou dizendo ao marido que Rose estava fazendo um trabalho muito legal com G sobre drogas e que tinha visto no “Livro de Memórias Verdadeiras de G.P.

Em um dos registros, a psicopedagoga faz uma intervenção no intuito de dar sentido social ao livro de memórias, focando na utilização em longo prazo do material, mas G já deseja fazer em curto prazo demonstrando que sabe a função do material:

Elogiei o “Livro de Memórias Verdadeiras de G.P.” e lhe disse que quando tiver seus filhos poderá mostrar para eles. Respondeu: “Antes, minha vó vai ver!” Continuei: “Que bacana. Você é quem vai mostrar?” “Será minha mãe, ela gosta de contar as minhas coisas para ela”, contou. Indaguei se ele gostaria de mostrar para ela? Respondeu prontamente que sim.

3.2- Os Registros na relação com educando

A ideia do “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P.” nasceu devido ao investimento na área de Língua Portuguesa para acondicionar as histórias produzidas por G e comunicar suas produções textuais. O livro de memórias também acabou garantindo o desenvolvimento de outras linguagens.

G quis colar o texto que escreveu. e que agora estava corrigido, “Meus primeiros cachorros”, no livro de memórias. Também fez a ilustração na margem da página e escolheu os materiais para a produção.

À medida que os trabalhos eram realizados, o material se transformou em uma espécie de portfólio construído a cada sessão, pois acondicionou comentários e opiniões de leituras, fotos e textos lidos, uma reunião de registros das impressões pessoais de G, a exemplo de sua opinião sobre uma música e que consta no relatório das sessões. G queria colocar tudo que produzia no livro de memórias, inclusive as pesquisas que fazia nas sessões, como a pesquisa sobre a origem do funk.

A possibilidade de materializar a síntese das sessões e a busca em dar sentido ao livro de memórias contribuiu para ajudar a recuperar o que aprendeu durante o percurso.

O próprio material, ou seja, o livro de memórias se transformou em espaço para desenvolver a autonomia e uma fonte de estudo. Afinal, era preciso antecipar e planejar as ações.

Para além dos conteúdos abordados nas várias linguagens e a função social do material, G revelou a importância do livro de memórias para si, nomeando-o de mala do tesouro:.

3.3- Os registros na relação com a psicopedagoga

Os registros realizados pela psicopedagoga durante o período de atendimento foram diversos, mas antes de expor os registros, cabe fazer novamente a diferenciação entre registro e documentação. Os registros no ambiente escolar são coletados de diversas formas: diário, fotos, fala, painéis, blocos de anotações. Já a documentação é o processo que envolve a composição de uma narrativa (VIEIRA, 2013).

Os relatórios discutidos e arquivados no prontuário do *SEDES* foram fruto dos registros de cada sessão. Esses relatórios são considerados como documentações realizadas no atendimento.

No caso de G era importante vivenciar a produção da escrita associada a sua utilização social. Nesse sentido, a construção do livro de memórias foi providencial.

Esse livro de memórias possibilitou a comunicação nas supervisões psicopedagógicas, demonstrando a construção do processo do educando, promovendo discussões entre as alunas do curso de psicopedagogia e guiando encaminhamentos para novas propostas.

No que se refere à supervisão clínica, ter um material concreto durante as discussões foi um diferencial nos debates, já que os terapeutas apresentam seus casos, geralmente, verbalmente.

Nas reuniões com vários especialistas do *SEDES* - assistente social, terapeuta, coordenadora do grupo clínico - apresentar o livro de memórias de G contribuiu muito para compreender suas questões com a família e suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao recuperar meu percurso profissional na Educação, percebo que a prática clínica possibilitou a ampliação de meu universo pessoal, ressignificando a relação com os professores, com o conhecimento e com os colegas mostrando a importância do atendimento psicopedagógico na aprendizagem e desenvolvimento do educando.

Vale ressaltar que o objetivo dessa Monografia é refletir sobre a importância das documentações no atendimento psicopedagógico. Os diários e as análises dos atendimentos demonstraram que o “Livro de Memórias Verdadeiras de G.P.”, tecido pelo educando, serviu de mediador para a comunicação entre educando, psicopedagogo e família. Essa documentação foi para além da comunicação da família, educando e psicopedagogo, sendo utilizada nas supervisões clínicas e psicopedagógicas.

Lembrando, quem escreve, escreve para alguém e esse material cumpriu a missão social da escrita quando o educando compartilhou suas histórias, pesquisas, opiniões e sentimentos, principalmente com a família.

O “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P.” também possibilitou rever o percurso do educando e o seu processo de aprendizagem, demonstrando apropriação de cultura, buscando pesquisar assuntos diversos e produzindo cultura, seja dando sua opinião ou traduzindo as informações em linguagens expressivas, como o desenho.

Embora o recorte desse trabalho de conclusão seja a documentação na psicopedagogia, cabe dizer que a função do psicopedagogo é extremamente importante, principalmente nos espaços educativos, no que se refere à prevenção de problemas de aprendizagem. Para isso, há a necessidade de professores e psicopedagogos estarem envolvidos no processo educativo e imbuídos de compromisso e conhecimento. Além disso, são necessárias escolas com formação em serviço para discutir, debater as situações-problema e, juntos, buscarem caminhos e possibilidades a fim de resolverem os possíveis problemas que sempre surgirão. Afinal, os profissionais não estão prontos, mas se formando ao longo da trajetória profissional, por isso a importância das instituições valorizarem a formação em serviço. Assim, um dia, poderemos contemplar crianças brasileiras, dentro e fora das escolas, aprendendo a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, sem marcas de fracasso na escola.

Para finalizar esse Trabalho de Conclusão de Curso, gostaria de compartilhar a carta que redigi e li para o educando no encerramento do atendimento.

“G querido!

Conheci você faltando aproximadamente um mês para completar 14 anos. Foram muitas modificações até os seus quase 16 anos: em seu rosto apareciam e desapareciam as espinhas; seus cabelos se transformavam muitas vezes, ora com mechas, ora escondidos atrás dos bonés, outras vezes com topetes na franja e riscos tortuosos em parte da cabeça. Suas sobancelhas, vez ou outra, apareciam com pedacinhos raspados. Seu tórax, músculos, braços e mãos aumentavam de tamanho e você ganhava massa muscular. Os modismos adolescentes ficaram mais comuns, seu nariz apareceu com um brinco verde há pouco tempo. Seus olhos, que ficavam mais abaixados, agora se levantam e me fitam, mesmo quando não peço.

O menino moço agora é somente moço! As respostas monossilábicas se transformaram em pequenas frases. Você cresceu para além dos seus aspectos físicos e agora é capaz de se posicionar, dizendo aos seus pais o que pensa e deseja.

Foram muitas histórias vividas que acompanhei: na relação com a sua família, na escola, no bairro, no quintal de sua casa, no ponto de venda de doces e salgados e no baile funk da rua. Essas histórias muitas vezes davam coloridos diferentes para as sessões, ora alegravam, ora davam medo; ora tencionavam, ora divertiam. Algumas dessas narrativas conseguimos registrar e outras ficarão somente na nossa memória. Mas, quem sabe, você se anime e continue escrevendo e aumentando o “Livro de Memórias Verdadeiras de G. P.”.

Ao escrever um texto não se esqueça da importância de reescrevê-lo. Você é capaz de fazer isso sem mim. Agora, já não mistura letras maiúsculas com minúsculas e consegue colocar os parágrafos, bem como identificar excessos repetições na mesma frase.

Quantas vezes você me desafiou? E quantas outras me ensinou? Foram aproximadamente dois anos de encontros e, em alguns momentos, desencontros também. O nosso tempo juntos acabou, mas as suas narrativas continuarão marcando a sua vida e o seu aprendizado. Acredite na escola para o presente e para o futuro.

Não desista! Faça um esforço para conciliar estudos, trabalho e diversão!

Lembre-se de que a liberdade é fundamental para a constituição do homem. Mas, a liberdade deve estar acompanhada da responsabilidade.

Que você possa fazer a diferença no mundo. São os meus votos.”

Rose Mara - 13 de Agosto de 2015

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZANHA, J.M. **Uma ideia de pesquisa educacional**. Edusp/ Fapesp, 1992.

BATLYTA. D. RUBINSTEIN, E. **Estudo da relação dialógica entre conscientização teórica e o hábito de uma professora num percurso de mudança as sua abordagem de ensino** In: Rubinstien, Edith. A psicopedagogia e a transdisciplinaridade. Educação Transdisciplinariedade III, p.178. Disponível em www.abpp.com.br/artigos.htm, acesso em 23 de out de 2005.

BETHELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BOSSA A., Nádia. **Fundamentos da Psicopedagogia**. In **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p .17-19.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasil:MEC/SEF, 2000, 3.V.

_____Ministério da Educação e do Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro:DR& A, 2000.

DELORS, J. (coord.). **Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. 7ª ed. São Paulo Editora: Cortez, 2012.

EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Arte Médica, 1999, p. 94.

FERNÁNDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 25, ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo : Cortez, 1982.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. **Psicopedagogia: um conhecimento em contínuo processo de construção**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

JOSSO, M.C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MASINI, Elcie F. Salzano. **Formação profissional em Psicopedagogia: embates e desafios**. Revista Psicopedagógica, São Paulo, v. 23, n. 72, 2006.

MINAS GERAIS, Universidade Federal. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. **Coleção: Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização**. Belo Horizonte, 2003.

MORIAN, Edgar. **Os setes saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2011

PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1991.

REY, Fernando Gonzalez. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2005.

RUBINSTEIN, E. (org). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. Casa do Psicólogo: São Paulo, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOLÀ, M. B. I. **A arte do pintor de paisagens**. In: Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo. Ano IV, Nº12, Nov.2006/Fev.2007, p.40-42.

TEBEROSKY, Ana e FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

VIEIRA, Flaviana Rodrigues. **A formação de professoras em uma creche universitária: O papel da documentação no processo formativo**. São Paulo:FE/USP, 2013. Dissertação de mestrado.

WEISZ, T. **Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão – um problema mal colocado**. Programa de formação de professores alfabetizadores. Ministério da Educação, 2001.

WEISZ, Telma. **Como se aprende a ler e a escrever ou Prontidão: um problema mal colocado**. In: São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo, 1989.

ZUSAK, M. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SITES :

<http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 08/05/2015.

http://sedes.org.br/site/breve_apresentacao). Acesso em 09/09/2014.

http://sedes.org.br/site/madre_cristina. Acesso em 09/09/2014.

<http://www.dicio.com.br>. Acesso em 08/05/2015.

<http://www.estudopratico.com.br/generos-textuais/>. Acesso em 22/09/201

<http://www.fernandogonzalezrey.com/>, último acesso em 06/12/2016.

ANEXOS

Ou isto ou aquilo

Cecília Meireles

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Ou isto ou aquilo, Editora Nova Fronteira, 1990 - Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: <http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia128.html>, acesso em 11/11/2016.

A velhinha contrabandista

Sérgio Porto - Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava na fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da alfândega - tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com moamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com quarenta anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não "espáia"? - quis saber a velhinha.

- Juro - respondeu o fiscal.

- É lambreta.

Fonte: <http://www.casadobrujo.com.br/poesia/s/sergio19.htm>

Jogo de Azar

MC Kapela MK

Falar mal de mim virou moda
Eu sei que eu sou foda, não fica invejando
Mas não é sempre recalcado
Eu passo, as ninfetas fica venerando

Me olha e depois dá risada
Já sei que de mim deve tá cochichando
Vê se fala meu vocabulário
Ficar de fofoca já ta me irritando

Pras amigas fala que é treinada
E que vai brincar com o meu coração
Na verdade ela que se iludiu, hoje vive ligando
"É isso mesmo produção?"

Feitiço contra o feiticeiro
De amor tenho receio
E se tu me ver no jet, diz que não me conhece
"Nunca vi mais feio"

Suavemente entrei na sua mente
Tu vai ver que nós somos algoz
Tu vai me ligar, vai me implorar
E eu cheio de orgulho só vou negar voz

Você entrou no meu cassino
Gosta do que é proibido
Aposta todas as fichas achando que vai ganhar
Djc é meu hino, deixando os corações iludidos
Ferindo pra não ser ferido, eita jogo de azar

Fonte: <https://www.letras.mus.br/mc-kapela-mk/jogo-de-azar/>, acesso em 11/11/201

fonte: <https://www.vagalume.com.br/mc-kapela/jogo-de-azar.html>, acesso em 11/11/2016.